

Conheça as publicações do **MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO**

PARA A PREPARAÇÃO AO CASAMENTO

"Amor e Casamento"

UM LIVRO ÚTIL PARA PRESENTEAR OS QUE VÃO SE CASAR.
LINGUAGEM SIMPLES, ILUSTRAÇÕES E ORIENTAÇÕES PARA A VIDA
DO CASAL

"O Assunto é Casamento"

O MELHOR MANUAL PARA OS AGENTES DA PREPARAÇÃO AO
CASAMENTO. OS TEMAS DE MAIOR INTERESSE E AMPLA ORIENTAÇÃO
METODOLÓGICA E DIDÁTICA

TEMÁRIOS PARA REUNIÕES DE GRUPOS

"Ponto de Partida"

PARA GRUPOS DE CASAIS OU FAMÍLIAS, ABORDANDO QUESTÕES
SOBRE COMPORTAMENTOS E ATITUDES CONSTRUTIVAS OU
GERADORAS DE PROBLEMAS NA VIDA CONJUGAL E FAMILIAR

"Um Passo Adiante"

TEMÁRIO MAIS AVANÇADO SOBRE RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS,
COMPROMISSO CRISTÃO NO MUNDO E INICIAÇÃO À REFLEXÃO
TEOLÓGICA EM LINGUAGEM SIMPLES

"Pés na Terra"

REFLEXÕES MAIS ELABORADAS PARA GRUPOS COMPROMETIDOS COM
O SERVIÇO ÀS FAMÍLIAS

PEDIDOS AO MFC DA SUA CIDADE OU À LIVRARIA DO MFC

STE NÚMERO
É COMPLETO
COM 50 MATERIAIS
S 50 NÚMEROS
SUA COLEÇÃO

fato
e fazão
50

lexendo em vespeiro
elibato do clero em discussão
lomen & mulher
ulterio e genetico?
ixo debaixo do tapete
realidades ocultadas
mulher na Igreja
uando vai mudar?
ovimento Familiar Cristão

NESTE NÚMERO:
ÍNDICE GERAL DE
fato
e razão

Todas as matérias publicadas nos 50 números de Fato e Razão, classificadas por assunto e áreas de interesse, para orientar pesquisas. Pág. 74.

E MAIS:
Globalização do inimigo

Bush define como inimigos todos os que não se colocam ao seu lado no combate ao terrorismo. Pág. 2

Lixo debaixo do tapete

A disfarçada discriminação racial, e o trabalho escravo no Brasil. Pág. 5

O século louco

As contradições entre os grandes avanços científicos e tecnológicos e o crescimento do apartheid social entre classes, entre nações e continentes. Pág. 8

Homens e mulheres & adultério?

Uma delicada abordagem. Pág. 11

Intolerância

Os fundamentalismos políticos, econômicos e religiosos de lados opostos. Pág. 57

Mexendo em vespeiro

Crítica ao celibato obrigatório do clero como uma das causas dos desvios sexuais divulgados e não divulgados. Pág. 14

A mesa global

O chamado à partilha, a políticas que assegurem a todos condições de viver com dignidade. A eucaristia como expressão da partilha. Pág. 18

Olhos para ver, corações para sentir

Bases para um verdadeiro ecumenismo. Pág. 24

A mulher na Igreja

Uma análise lúcida do tratamento discriminatório da mulher na Igreja, e suas origens. Pág. 34

A verdade fabricada com mil mentiras

Algumas mentiras recentes que quase viraram verdade pela insistência e repetição de explicações inacreditáveis. Pág. 44

A palavra que se faz vida

O que a Bíblia nos ensina sobre a realidade atual no mundo conflitivo em que vivemos. Pág. 47

... e muito mais.

fato
razão

mento Familiar Cristão
salho Diretor Nacional

Sebastiana (Sebá) Leão
aldo e Ma. do Carmo Silva
a e Mara Souza
ano e Ivonete Borges

Ma. Thereza Silva
lberto e Ma. Nilza Mendes

Eliana Prior
do Rizzo e Ineusa Bomeisel

Aparecida Eduardo
Hermínia Mariano

Leão
Carlos e Rita Martins

pe de Redação

Reis
e Selma Amorim

S. Saul Gusmão 80 - VIII
1-280 Rio de Janeiro - RJ

amorim@ibpinet.com.br

aturas, Encomendas,
endas e Correspondência

subidora Fato e Razão
mento aos Assinantes

do Rio Branco, 633/1002
00-500 Niterói - RJ

Ex (21) 2717-4878
texere@uol.com.br

aria do MFC
os de Publicações MFC

Barão de Santa Helena, 68
520 Juiz de Fora - MG

21) 3214-2952 E-mail:

amorim@powerline.com.br

cia Promoção de Vendas
mento Revendedores MFC

3120 Rio de Janeiro-RJ
21) 2215-1401

amorim@ibpinet.com.br

esta edição: Maio 2002.

Sumário

Globalização do inimigo, 2 - Leonardo Boff

Lixo debaixo do tapete, 5 - Editorial

O século louco, 8 - Cristovam Buarque

Homens e mulheres, geneticamente programados para o adultério? 11 - Deonira Vigano de la Rosa

Mexendo em vespeiro, 14 - Helio Amorim

A mesa global, 18 - Frei Betto

Poema, 21 - Beatriz Reis

Mera coincidência, 22 - Marco Antonio Mota Gomes

Olhos para ver, corações para sentir, 24

Jether Pereira Ramalho

A flor, 27

Fé & política se casam, 28 - Marcelo Barros

Água: fundamental para a sobrevivência, 30

Paulo Rocha

Sopa de pedra, 33

Adaptação de conto de Malba Tahan

A mulher na Igreja, 34 - D. Demétrio Valentini

Não fique assim tão sério, 36

Big Brother Brazil, 38 - Marcos Rolim

Treinados para a indiferença, 40

Cristovam Buarque

Vou-me deitar, 43

A verdade fabricada com mil mentiras, 44

Helio e Selma Amorim

A palavra que se faz vida, 47 - Marcelo Barros

A foto, o fato, a razão, 49

Nova maneira de ser Igreja, 50 - Adital

O camelo, 52

Adaptação de conto de Malba Tahan

Economia e educação, 54 - Cesar Benjamin

Fundamentalismo e intolerância, 57 - L. Boff

Juventude e cultura neoliberal, 60 - Frei Betto

Como é linda a vida urbana, 62 - Alex Gasparini

Violência e perplexidade, 65 - Rudá Ricci

Nossos bens culturais, 68 - Emir Sader

A união das Igrejas, 70 - Marcelo Barros

A lógica do poder, 72 - Frei Betto

"Se non é vero é ben trovato", 80

ÍNDICE REMISSIVO DE FATO E RAZÃO

Todas as matérias publicadas nos 50 números de Fato e Razão, classificadas por assunto e áreas de interesse, para orientar pesquisas. - Página 74

As declarações do Presidente George W. Bush são inequívocas: o terrorismo será enfrentado em qualquer parte do mundo; atacar-se-ão também aqueles países que dão guarida às redes do terror. Quem não aceita esta luta é contra os EUA e a favor do terrorismo.

Globalização do inimigo

Leonardo Boff

Aqui há uma manifesta globalização do inimigo e uma globalização da guerra com características singulares, combinando a brutalidade da guerra tecnológica moderna com a guerra suja da inteligência que implica atos de terror e o assassinato planejado de lideranças tidas por terroristas.

Esta estratégia nos projeta cenários sombrios e altamente perigosos para a convivência da humanidade no processo inexorável da globalização, fase nova da história da Terra (Gaia) e da espécie *homo sapiens e demens*.

O primeiro efeito ocorreu nos EUA: a criação do Conselho de Defesa Interna, dotado de uma Força-Tarefa de Rastreamento de Terroristas, fundos específicos e de sua correspondente ideologia justificadora. Nós conhecemos o que significa o Estado de Segurança Nacional cujo ideólogo-mor Carl von Clausewitz (1780-1831), da guerra de guerrilha ("a guerra é a continuação da política com outros meios") inspirou os processos de seu funcionamento. Em nome da segurança inverte-se o sentido básico do direito: todos são supostamente terroristas até prova em contrário. Em consequência disso, surgem as espiões, os grampos, as prisões para interrogatórios, as violências por parte dos corpos de segurança e as torturas. Cria-se o império da suspeita e do medo e a quebra da confiança societária, base de

violência total do sistema contra todos os seus críticos e opositores. Assistimos a generalização desta lógica maniqueísta por parte da administração norte-americana e parte dos talibãs.

qualquer pacto social. Há o risco do desmoronamento do Estado.

Dois temores bem fundados seitam semelhante generalização do inimigo: a imitação do que seja terrorismo e identificação dos nichos mentadores de terrorismo.

A formulação de bem-mal, amigo-inimigo do Presidente Bush remete a um dos grandes tópicos modernos da filosofia política de fundo nazi-fascista, Carl Schmitt (1888-1985). Em seu *O Conceito do Político* (1932, Vozes



vem a ser tratado como mau e feio"(p.52).

Bush interpretou a barbárie de 11 de setembro de guerra contra a humanidade, contra o bem e o mal, contra a democracia e a economia globalizada de mercado que tantos benefícios (na pressuposição dele) trouxe para a humanidade. Quem for contra tal leitura, é inimigo, o outro e o estrangeiro que cabe combater e eliminar. Tal estratégia pode levar a violência para dentro dos EUA e para todos os quadrantes do mundo. É a violência total do sistema contra todos os seus críticos e opositores. Assistimos a concretização desta lógica maniqueísta por parte da administração norte-americana e por parte dos talibãs.

O segundo problema aventado é a identificação dos nichos fomentadores de inimigos. Na atual estratégia são países tidos por pária ou bandidos. Dentro de pouco perceber-se-á que mais importantes são ideologias libertárias e religiões de resistência e libertação como ocorreu em todo o Terceiro Mundo e na oposição ao regime soviético. Elas criam verdadeiras místicas de engajamento e fazem surgir militantes altamente comprometidos com a superação da presente ordem social mundial, devido às altas taxas de iniquidade social que produz. Entre eles se contam as

❖ *Dante das guerras brutais dos últimos tempos, o que se tem feito em nosso país, na nossa cidade, para promover a paz e a justiça no mundo? Somos totalmente impotentes, ou podemos fazer algo?*

históricas esquerdas anti-capitalistas, os movimentos transnacionais contra o tipo hegemônico de globalização econômico-financeira e os setores religiosos ligados à mudanças sociais como o cristianismo de libertação nascido na América Latina e ativo na África, na Ásia e em setores importantes da sociedade civil norte-americana e européia, grupos fortes do islamismo popular, de cunho fundamentalista e setores teológicos islâmicos que resgatam as origens libertárias da gesta de Maomé e o sentido original do Alcorão. Todos esses serão considerados inimigos eventuais. Conhecemos as consequências de tais identificações: a vigilância, a tentativa de desqualificação pública, os seqüestros, as torturas, os assassinatos. Será que os EUA não acolheram uma lógica que os condenará repetir com mais furor o que ocorreu na América Latina nos anos 60 sob os Regimes de Segurança Nacional (bem entendido, segurança do capital)?

Tais espectros não são fantasias sinistras. Os ninhos de serpentes foram criados. E elas crescem, se multiplicam e podem morder mortalmente agora em nível global.

* Professor universitário, teólogo e escritor.

Lixo debaixo do tapete

Editorial

Em certo dia dos anos sessenta, Bob Kennedy falava para o auditório lotado da PUC-Rio. Era convidado por ser então conhecido como um paladino dos direitos humanos no seu país. Foi interrompido em sua fala por um jovem que o interpelava: "Como você vem nos dizer direitos de cidadania se no seu país há discriminação contra os negros?" Ele olhou silenciosamente o auditório de universitários e perguntou: "Onde estão os negros desta universidade?"

desenvolveu-se, desde Abraham Lincoln, um certo hábito de assassinar presidentes e defensores de direitos dos mais fracos. No caso de Martin Luther King, a luta justamente pelos direitos dos negros foi o motivo principal do tiro mortal.

No Brasil, não gostamos de falar de nossas muitas mazelas nacionais. Apregoamos que somos um povo cordial, sem conflitos de raças, credos, religiões e ideologias. Um país em que até árabes e judeus são comerciantes vizinhos cordiais que se confraternizam na defesa dos seus interesses comuns. Tentamos desconversar quando se fala dos tiros dos pistoleiros contratados pelos donos de latifúndios ameaçados de invasão pelos sem-terra. A violência urbana já não se pode esconder debaixo do tapete, mas é atribuída a bandidos, a exceção que confirma a regra, um punhado de criminosos que não representa a sociedade e o temperamento pacífico do povo brasileiro.

Discriminação racial? - nem falar. No Brasil não existe! Quem se arrisca a ressuscitá-la é preso por crime inafiançável. Ou tem que pedir desculpas publicamente pelo tropeço verbal que revela sentimentos sufocados, como os do

governador do Distrito Federal, que hororizou (sem trocadilho) o país com seu ato falho...

Mas vamos ver se de fato não há discriminação racial no nosso Brasil cordial. Podemos nos valer de estudo publicado pelo IPEA, sobre os dados do IBGE de 1999. De lá para cá, quase nada mudou.

Vejamos. 45% da população brasileira é classificada como negra, mas negros são 70% dos enquadrados como miseráveis no nosso país. Mais de metade das crianças até 6 anos na faixa de pobreza são negras. Apenas dois em cada cem negros entram na universidade. Sete de cada dez nem completam o ensino fundamental. A renda média dos brancos é duas vezes e meia maior que a dos negros. E por aí vamos.

Ora, a desigualdade é flagrante. Precisa ser reconhecida, sem medo ou pudor, para justificar-se tratamento desigual para desiguais. Serão necessárias políticas que privilegiem os que historicamente foram espoliados, desde o indecente comércio humano que trouxe ao Brasil os seus antepassados. Mecanismos de favorecimento desigual para os negros são mais do que justificáveis, uma espécie de indenização social tardia pela espoliação e exclusão a que foram submetidos durante séculos.

Não basta, portanto, proclamar que convivemos bem, jogamos futebol lado a lado, freqüentamos as mesmas praias, os mesmos ônibus e trens, os mesmos espaços de lazer, sem qualquer segregação ostensiva. Essa convivência é de fato um aspecto

positivo da nossa cultura que não se pareceu jamais com a segregação racial até recentemente institucionalizada nos Estados Unidos, com amparo em leis e normas sociais. Mas temos que reconhecer essa segregação que demonstram os índices econômicos e sociais oficiais. E exigir instrumentos efetivos para reduzir progressivamente esse abismo persistente entre a "nação branca" e a "nação negra", expressões usadas pelo coordenador da pesquisa nacional do IPEA.

Por outro lado, não podemos tampouco varrer para baixo do tapete a realidade da persistente escravidão a que são submetidos milhares de brasileiros, independentemente da cor da pele. O sistema é muito conhecido: "gatos" ou empreiteiros aliciam trabalhadores para fazendeiros, mineradoras, madeireiras, que atuam em regiões de difícil acesso. Chegam endividados pelo preço do transporte. Abrem seu conta-corrente com esse débito inicial. Passam a depender de alimentos e outros bens de primeira necessidade fornecidos pelo armazém do próprio patrão que impõe seus preços sem nenhuma concorrência possível. Os salários são miseráveis, insuficientes para pagar o que consomem. O conta-corrente vai crescendo contra o trabalhador. A lei é radical: só pode sair do "emprego" se pagar a conta. Como isso é impossível, o trabalhador vira escravo do patrão-credor. Se fugir, o jagunço mata.

Há que reconhecer que novas leis e ações de governo têm conseguido reverter em parte essa

separação social. Em 2001 foram dados 1600 trabalhadores-servos. Bem mais que nos dois anos anteriores, quando somente foram resgatados. Mas não se sabe a extensão exata desse problema. As batidas policiais terão que ser intensificadas e as punições agridas. Em cada incursão bem sucedida, os patrões são obrigados a renegociar os trabalhadores em busca dos seus direitos, mais as multas e penalidades usuais. Em 2001 chegaram a 1,4 milhão de reais as obrigações pagas pelos empregados à Previdência, FGTS e outras obrigações aos trabalhadores. É pouco. Um único caso foi preso.

Fica então o desafio: criar mecanismos novos de reversão das desigualdades étnicas e sociais, aplicar com maior rigor os existentes e combater as outras aberrações, enfrentar sem medo tais mazelas e desonras, em vez de varrer esse problema de debaixo do tapete.

Concordamos que estes fatos são reais? Acontecem na nossa cidade? Temos algo a ver com essa realidade? Temos alguma responsabilidade diante dessas situações que desumanizam?

O que podemos fazer concretamente para corrigir essas situações de injustiça, se elas existem em nossa cidade?

**"QUANDO
EU CRESCER
VOU
SER
BRANCO..."**



Leia e assine *Rede* - uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial, nacional e internacional.

Escrivem Andrea Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei João Xerri, Guilherme Góes, Helio Amorim, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Virgílio Uchoa,

Basta telefonar para a **Rede de Cristãos das Classes Médias** e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

Do século XX, no futuro, se dirá que foi louco.

O SÉCULO louco

Cristovam Buarque

Um século em que se usou ao máximo o poder do cérebro para manipular as coisas do mundo e não se usou o coração para fazer isso com bom sentimento. Um século onde a palavra inteligência perdeu o sentido pleno porque, com ela, o homem foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não soube usá-la para fazer um mundo melhor e mais belo para todos.

A inteligência do século XX foi burra. Fomos capazes de fabricar a bomba atômica, liberar a energia escondida dentro dos átomos e incapazes de evitar que duas delas

fossem usadas. Naqueles dois momentos, negamos — sem qualquer julgamento ou piedade — o direito à vida a centenas de milhares de pessoas.

O que se pode dizer da bomba atômica, como símbolo do século XX, vale para o conjunto das técnicas usadas nesses cem anos loucos. Fomos capazes de tudo, menos de fazer o mundo decente. E isso teria sido possível.

Vivemos um tempo em que a inteligência humana conseguiu fazer robôs que substituem os trabalhadores. Mas, no lugar de libertar o homem da necessidade do trabalho, os robôs provocam a miséria do desemprego.

Inventamos a maravilha do automóvel, mas aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho nas grandes distâncias e nos engarrafamentos.

Fizemos armas inteligentes que acertam alvos sem necessidade de arriscar a vida de soldados e pilotos, mas não fizemos um trânsito inteligente, capaz de evitar o sacrifício da vida em engarrafamentos e acidentes.

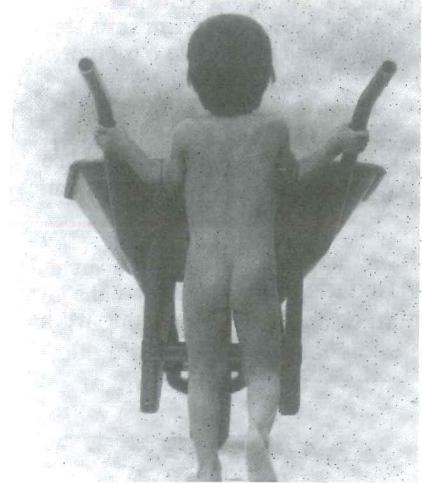
Chegamos a um tempo em que a vida foi alongada até perto de cem anos para os seres humanos com acesso às técnicas avançadas, porém fomos incapazes de garantir o mínimo de higiene a uma parcela considerável da humanidade que continua vivendo tantos anos depois no começo do século.

Montamos a rede da Internet que abrange o mundo inteiro e não construímos sistemas de água e esgotos nos bairros periféricos das grandes cidades. E aqueles que vivem mais, se consumem a consumir mais, desequilibrando o equilíbrio ecológico. Eles vivem mais hoje, ameaçando a vida das gerações futuras.

Criamos uma globalização que aproximou seres humanos, não importa a que distância eles vivem. Ao mesmo tempo, ela os separa mesmo quando vivem na mesma casa, ao lado, ainda mais se vivem em uma tenda ou debaixo da escada do prédio da esquina. Criamos um mundo onde as pessoas sentem-se em casa mesmo no outro lado do planeta, mas têm medo de abrir a porta, de atravessar a rua ou de parar em um sinal de trânsito.

Sem dúvida, o século XX foi um tempo ruim. O mundo, buscando a inteligência técnica, matou a justiça. A ciência, concentrada na ciência, matou a ética.

Do século XX se dirá que teve maiores avanços científicos e nenhum avanço ético. Dele, grandes nomes serão de militares, governantes em guerra e presários. Raros serão os poetas, os filósofos e os humanistas. Diante de nós está um novo século que pode continuar a



Criamos riquezas concentradas nas mãos de poucos e aumentamos a pobreza da maioria.

loucura ou reorientar os destinos da humanidade. A diferença será se o século XXI ficará conhecido como novo século da técnica ou o século da ética.

Se continuaremos concentrando nossa inteligência cega de justiça no desenvolvimento de novos equipamentos, armas que matam e robôs que desempregam humanos, ou se vamos subordinar essa inteligência aos valores éticos, usando os equipamentos para a vida e para a liberdade. Nada indica que a mudança de rumo esteja à vista. Os discursos de final de ano continuaram concentrados na necessidade de aumentar a produção e não de melhorar a qualidade de vida, na necessidade de aumentar a riqueza e não de diminuir a pobreza.

A necessidade que percebem ainda é de fazer a economia mais eficiente e não mais bonita, de ter

mais modernidade-técnica e não modernidade-ética.

Continua a neurótica preocupação com os meios como se fossem fins. Não se questiona aonde desejamos chegar com o projeto civilizatório.

Se escolher a continuidade da técnica desprezando a ética, a humanidade caminhará para a ruptura da espécie em duas partes diferenciadas até o ponto em que, no novo século ou no seguinte, desaparecerá a semelhança entre elas.

Esse é o caminho da modernidade-técnica: a continuação da loucura que cura um desconforto no próprio braço amputando-o, no lugar de descobrir as vantagens de mantê-lo.

O século XXI pode ser o momento de coroação do projeto civilizatório, se seguirmos o caminho da busca da modernidade-ética, onde os objetivos do humanismo sejam capazes de subordinar o poder da técnica. Onde, no lugar de um poderoso e inteligente planeta-hospício, tenhamos um inteligente e generoso planeta solidário.

O Brasil é o local mais provável para os primeiros sintomas dessa opção aparecerem. Temos aqui, mais do que em qualquer outro país do mundo, os sintomas da loucura de uma técnica sem sentimento a serviço de uma minoria privilegiada e enlouquecida pelos desejos de consumo. Por isso, temos mais forte a necessidade de corrigir o rumo que seguimos durante os cem loucos anos do século XX. E temos também os

recursos naturais e intelectuais necessários para formular o novo rumo.

O século XXI começa, por isso e sobretudo, no Brasil. É para cá que devem olhar aqueles que desejam saber qual o rumo que vai tomar a civilização: o das técnicas para saltar da desigualdade à dessemelhança e apartação dos seres humanos em dois tipos diferenciados; ou o do uso de nossa riqueza para a construção de um mundo melhor e mais belo para todos.

Talvez, no futuro, do século XXI se possa dizer que foi no Brasil que se inventou o futuro, para o bem ou para o mal. Vamos olhar os próximos dias, meses e anos e ver se a elite brasileira entra no novo século procurando um novo rumo social, guiado pela ética, ou se vai insistir em ser o exemplo do mal, construindo uma sociedade com apartação.

*Professor da UnB, autor dos livros "O que é Apartação" e "A Cortina de Ouro". Correio Braziliense, 10/01/02.

Uma abordagem lúcida de um tema delicado, para ser pensado e conversado desde o início, na partida para a vida conjugal

Homens e mulheres genéticamente programados para o adultério?

Deonira L. Viganó La Rosa*

natureza como critério para definir o que era bom para a humanidade. A fidelidade entre as pessoas, e também a marital, é algo mais abrangente e depende de uma decisão, de um tipo de contrato, de uma promessa que se insere permanentemente na história de dois seres humanos. Cabe ao homem e à mulher decidir se vão, ou não, praticar a monogamia, e essa escolha não pode ser unilateral, ela precisa ser tomada pelos dois parceiros, antes e durante o casamento.

Entre os humanos, é a cabeça que decide o que os genitais vão fazer, e não o inverso. Os parceiros tomam a decisão de ser fiéis um ao outro e depois a põem em prática tomando uma série de decisões durante o caminho. Não como um jugo que lhes é imposto, privando-os da liberdade, mas como a suprema realização da liberdade

responsável. A fidelidade fica difícil se você decidiu conceder-se exceções quando a atração por uma outra pessoa ou a raiva pelo cônjuge forem particularmente intensas.

A *infidelidade*, nesse sentido, é uma *quebra de confiança*, é a traição de um relacionamento. Pode-se dizer, também, que é o rompimento de um *acordo*. Ou, ainda, que é uma *falta de respeito* ao outro. São estas diferentes perspectivas que permitem entender como a infidelidade pode estar presente *dentro do próprio casamento*, mesmo que nunca tenha acontecido uma relação sexual fora do casamento: por exemplo, uma mentira ou um

segredo guardado com a tentativa de desorientar o parceiro significam uma traição, tornando-se assim uma infidelidade.

A *confiança mútua* é um fator central na intimidade, toda quebra de confiança é uma quebra de fidelidade. Percebe-se, então, que a fidelidade/infidelidade abrange mais que a sexualidade genital: ela envolve a *relação homem-mulher na sua globalidade*. Grandes infidelidades podem decorrer de pequenas infidelidades. Se uma mulher ou um homem podem ser os amantes extra-conjugais, também podem exercer este papel o trabalho, o carro, a bebida, o jogo, a novela, a internet, a mentira ou um segredo protegido a sete chaves.

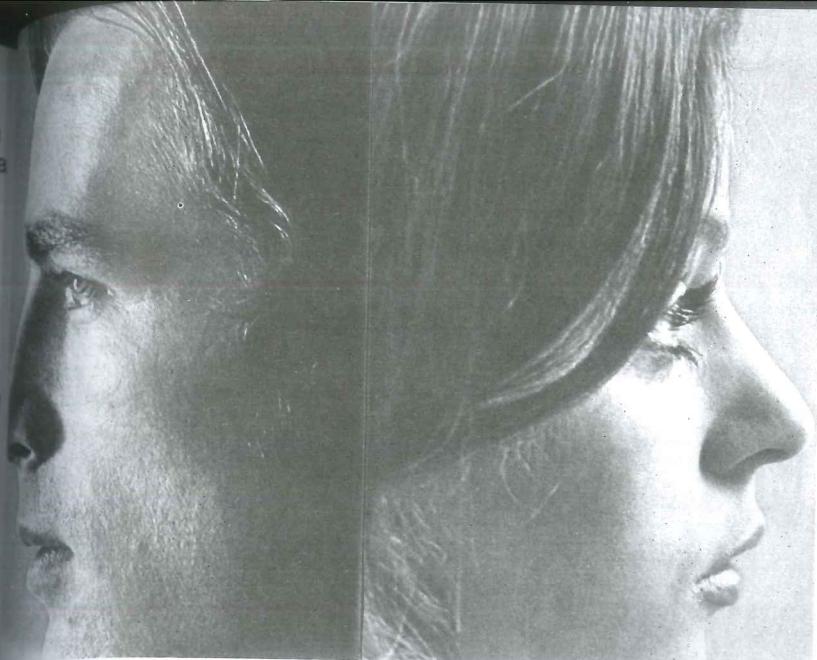
Marido e mulher ...por que uns traem e outros não?

Biologia é uma parte importante de nós, como também é fundamental o que em nós chamamos de "livre escolha". Podemos escolher. Há culturas em que até 50 % das pessoas dizem "não" ao adultério e a mesma percentagem diz "não" ao divórcio, hoje fácil de se obter. O ser humano é um animal que pode prometer, dizia um grande filósofo.

Os parceiros que não sucumbem à tentação da infidelidade têm, provavelmente, motivos para isso. A fidelidade marital, vista em sua globalidade, além de ser expressão e fonte de confiança e respeito mútuos,

permite a *continuidade da relação*. Sem continuidade não haveria a possibilidade do crescimento e amadurecimento do casal. As dedicações pessoais, o amor, a amizade, só podem ser aperfeiçoados na continuidade. Quem troca de parceiro tem de recomeçar sempre, além da sensação de perda de vínculo.

O amor, por sua vez, nasce da relação e cresce na medida em que melhora a relação. A fidelidade seria uma exigência intrínseca ao amor. É nesta perspectiva que a fidelidade até a velhice encontra sentido. Com a idade, certamente, diminuem a paixão e o desempenho



serem realizados e éticos, imagens e semelhanças de Deus-Trindade.

A união definitiva na fidelidade traz em si, necessariamente, uma dimensão religiosa. Os seres humanos são capazes de aceitar-se mutuamente de um modo tão definitivo e incondicional, unicamente pelo fato de que já foram, por sua vez, definitiva e incondicionalmente aceitos por Deus.

A fidelidade humana é como se fosse uma música com a qual continuamente lembramos ao mundo a fidelidade de Deus revelada definitivamente em Jesus Cristo.

*Terapeuta de Família. Mestre em Psicologia

Como é entendida e vivenciada a fidelidade no casamento nos ambientes em que vivemos?

Sei que vou mexer em vespeiro. Espero as ferroadas. Mas é tão grande a nossa preocupação com a torrente de escândalos sexuais envolvendo o clero, revelados pela mídia ultimamente, que já não se pode mais ficar calado. A fé do povo e a credibilidade dos pastores são abaladas por essa profusão de casos de pedofilia, estupros e outros desvios criminosos.

Mexendo em vespeiro

Hello Amorim*

Esses múltiplos episódios deprimentes são confirmados por confissões públicas e indenizações milionárias pagas às vítimas por Dioceses, em ações judiciais por inúmeros abusos e crimes sexuais praticados por padres, pelo mundo afora.

Predominam as denúncias nos Estados Unidos, onde processos judiciais geram indenizações vultosas. Em outros países, os fatos ocorrem e são ocultados discretamente por não compensar pagar advogados caros em processos que levarão muitos anos para serem julgados, com graves consequências morais para as próprias vítimas. Mas França, Irlanda, Polônia aparecem no noticiário recente. Não faz muito tempo notícias chocantes vieram da

África, referindo violências sexuais praticadas por padres contra religiosas. Temos portanto, infelizmente, um enorme iceberg que mostra apenas algumas pontas acima do nível das águas.

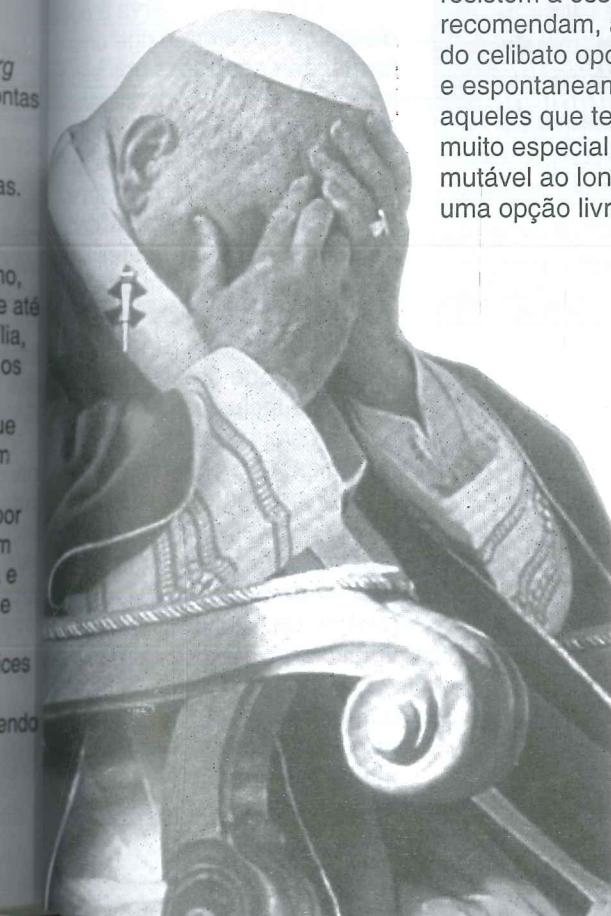
Esta onda atual revela ruidosamente práticas hediondas. Não se trata de simples transgressões disciplinares tão comuns, como homossexualismo, padres que "pulam o muro", que até constituem e mantêm uma família, oculta ou ostensiva, acolhendo os filhos que chegam... e outras respostas a um forte impulso que regras impostas não conseguem sufocar. Estas transgressões encontram razoável tolerância por parte do povo e já não provocam críticas sociais. O que interessa e sai na mídia são as perversões e práticas criminosas. Bispos são envolvidos como réus ou cúmplices pelo silêncio. Os amigos nos interpelam: "o que está acontecendo na tua Igreja?"

Ora, a sexualidade é, de fato, uma dimensão humana mal vivida na vida da Igreja. Tenho esta convicção de que o celibato católico dos clérigos é uma das causas desse quadro. Há uma tradição em castrar-se facilmente um impulso carnalizado inscrito por Deus no ser dos homens, como ação de realização de uma vocação de serviço à Igreja que não necessariamente incompatível com a vocação para o casamento e a família. Pode ser o resultado da sexualidade reprimida o que está

agora nos tribunais e na imprensa.

É verdade que tais desvios são também muito praticados por homens não sujeitos ao celibato forçado e mesmo por homens casados. Acabamos de assistir na TV a prisão em flagrante de um conhecido médico por pedofilia. São geralmente comportamentos doentes, patologias de causas diversas. Mas o celibato imposto é certamente uma das causas do que está acontecendo na Igreja e agora francamente revelado.

Os problemas psicológicos tão freqüentes entre sacerdotes que se mantêm fiéis a essa disciplina imposta, e os problemas de consciência dos muitos que não resistem a essa regra anti-natural, recomendam, a meu ver, a adoção do celibato opcional, assumido livre e espontaneamente somente por aqueles que tenham uma vocação muito especial, certamente rara e mutável ao longo do tempo. Talvez uma opção livre e coerente por



O papa sofre visivelmente pela enfermidade que abala sua resistência física e, mais agora, por essa onda de desvios sexuais que lhe causam profunda tristeza, revelada em sua fala aos cardeais norte-americanos convocados para dar um basta à tolerância com esses crimes.

alguma forma de vida religiosa comunitária ou missionária que possa ser inconciliável, no momento, com a vivência matrimonial e familiar. Mesmo assim, a opção livre feita pelo celibato não seria necessariamente definitiva em forma de voto perpétuo, já que todas as pessoas vivem processos evolutivos, vão amadurecendo em todas as dimensões pessoais e sociais, psíquicas, intelectuais e afetivas. Fazem-se sempre novas opções e reformulam-se projetos de vida em resposta aos sempre novos desafios e questionamentos que se apresentam.

Vemos que a maioria dos padres desempenha funções perfeitamente compatíveis com a vida conjugal e familiar. Não se fecharam em conventos nem partiram em missão entre os índios.

São párocos, professores, pesquisadores ou burocratas, com horário de trabalho definido. Poderiam sustentar uma família com o seu trabalho, talvez complementado pelo da esposa, como qualquer mortal.

D. Pedro Casaldáliga, esse santo bispo catalão que criou raízes nos sertões do Araguaia, num texto inspirado, exalta a opção especial que fez pelo celibato, mas acrescenta: "Espero poder viver o tempo em que conviverei com sacerdotes casados, para o bem da

Igreja, e para a valorização do próprio celibato".

Não tenho dúvidas de que o celibato sendo opcional, o número de padres cresceria e a qualidade do clero resultaria enriquecida pela presença mais íntima e visível da mulher na vida da Igreja.

Por não entender esse desejo, temos até hoje uma Igreja regida por homens celibatários. Não foi assim no princípio. Não há, de fato, qualquer fundamento teológico para a imposição do celibato ao clero. Pedro, o primeiro papa, pelo que se sabe, era casado, seguiu Jesus, permanecendo casado. Jesus o visitava em casa e curou sua sogra.

O que se observa é que essa disciplina obsoleta exige uma formação castradora nos seminários para desenvolver nos sacerdotes mecanismos de defesa contra qualquer envolvimento que ponha em risco o celibato. Resulta a desvalorização da sexualidade e a machucada a própria afetividade.

Também assim se explica o machismo na vida da Igreja. Dele resulta uma Igreja fortemente patriarcal, que desvaloriza a mulher, impedida inclusive de assumir o sacerdócio, por discutíveis razões teológicas. As práticas contradizem a cada momento alguns discursos pouco convincentes de exaltação da feminilidade, quase sempre associada a um modelo atípico de mulher, da qual se exalta a virgindade.

Ora, a identidade fortemente masculina da Igreja lhe suprime uma certa ternura e compreensão maternais que lhe fazem muita falta. Essa falha não é exclusiva da Igreja.

As instituições humanas e suas sociais dominadas por homens e excluídas as mulheres, sejam autoritárias, rabugentas e rígidas. Ao contrário, na medida que mulheres ampliam seus horizontes, essas estruturas se tornam mais humanas, mais amáveis e cordiais. Isto vale tanto para governos, parlamentos, partidos, partidos políticos e organizações, como para congregações eclesiásticas e círulas diocesanas ou paróquias.

Certamente o feminino está em falta na Igreja. A expressão de suas doutrinas e práticas não pode continuar condindo da ótica e visão de feminilidade femininas. Falta a delicadeza, ternura, amabilidade e emoção nas práticas da Igreja, nas suas celebrações e

Como estamos avaliando essa onda de notícias sobre desvios de comportamento no clero? Como estará sendo a reação do povo? Como avaliamos as questões que têm surgido no interior da Igreja sobre o celibato obrigatório dos padres e a ordenação de mulheres?

festas que se tornaram inexpressivas, nada criativas, burocráticas e aborrecidas, quando poderiam e deveriam ser exatamente o contrário.

Repetidos pronunciamentos romanos apontam para um adiamento "sine die" de possíveis e desejáveis mudanças nesse cenário machista, a menos que o número crescente de teólogos e teólogas leigos e casados acabem por se impor pelo seu saber e competência, solapando as bases desses renitentes preconceitos. Ou se a explosão de revelações constrangedoras finalmente abrir os olhos dos que não querem ver. Afirma o velho ditado que são esses os piores cegos.

**Editor de Fato e Razão, do MFC*

perdício

de 4000 padres casados no Brasil. Por terem optado pela vida conjugal, fundo uma família, foram alijados do magistério da Igreja. São homens formados em teologia, com prática pastoral e vocação para o serviço ao povo de Deus. Sua vida e mesmo o exercício de uma profissão leiga, não seriam empecilho para o exercício de outras funções próprias do sacerdócio, como dão exemplo os pastores de outras igrejas. Entretanto, "para não dar mau exemplo" aos que se mantêm fiéis ao celibato na ordenação, a Igreja prefere mantê-los distantes de qualquer atividade eclesiástica das dioceses brasileiras. Nem todas, felizmente.

perdício de talentos e vocações. Sentindo-se rejeitados, muitos reagem com igual ódio e resistem até mesmo a participar de movimentos de laicos na Igreja. Esses talentos ficariam enriquecidos se conquistassem essas famílias para seus grupos de trabalho e equipes de serviço, como membros e mesmo como assessores teológicos.

Pode-se viver sem estudos, produtos industrializados, obras de arte e, nos trópicos, até sem roupa. Impossível é prescindir de comida e de bebida. A bailarina e o papa, o nobel de Química e o encanador, o marajá e o indígena, todos

A mesa global

diferem quanto a hábitos e costumes, equipamentos e interesses, mas coincidem num ponto: dependem de sua ração diária.

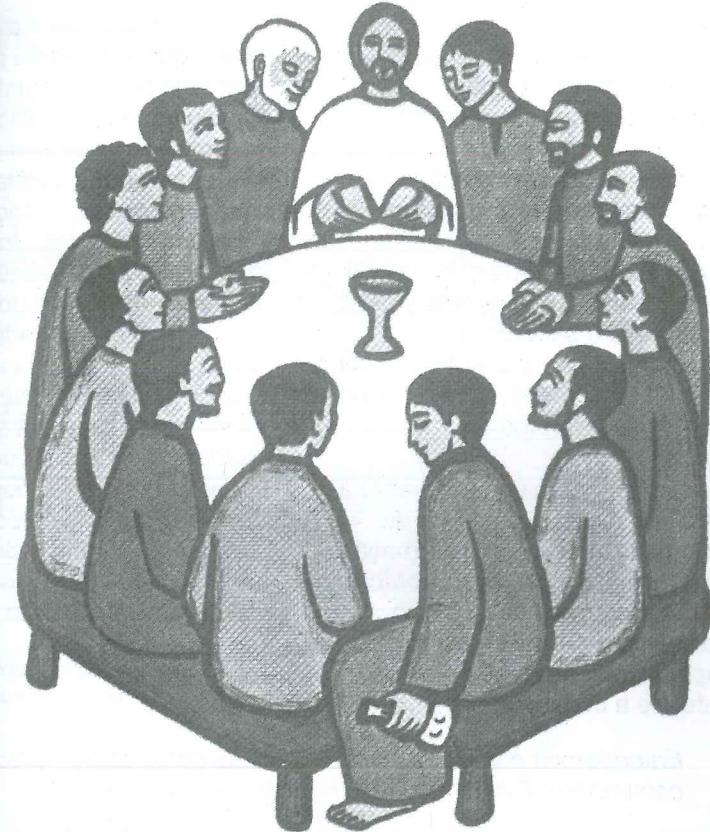
Frei Betto*

Dotados de capacidade reflexiva -sabem que sabem o que sabem -o homem e a mulher são os únicos animais que não enfiam a boca diretamente nos alimentos. Capazes de reproduzi-los pela agricultura e pela pecuária, evitam comer carne crua, lavam as frutas e verduras, cozinham legumes e assam os grãos. Da mescla de trigo, água, gordura, sal e fermento, obtêm o pão, assim como extraem cerveja da cevada e vinho da uva.

Se deixar de comer e beber, o ser humano definha e morre. O alimento é-lhe tão imprescindível que, com o advento do mercado, passou a ter valor de troca. Entre os indígenas tribalizados, ainda hoje o alimento possui apenas valor de uso. A ambição de lucro faz com que se destruam plantações de grãos e frutas, para evitar queda de preços, embora haja milhares de famintos.

Na sociedade capitalista, o valor de um produto alimentício supera o de uma vida humana. No Brasil, onde não faltam alimentos, 32 milhões de pessoas passam fome, e cerca de 300 mil crianças, com menos de cinco anos de idade, morrem de subnutrição a cada ano.

Segundo a ONU, há 800 milhões de miseráveis entre os 6 bilhões de habitantes da Terra, na qual se produzem alimentos suficientes para 11 bilhões de bocas. Estes dados comprovam que não há excesso de bocas, nem insuficiência produtiva. O que há é injustiça. A mesa global não é acessível a todos os seres humanos. Enquanto uns poucos se fartam, a ponto de se darem ao luxo de fazer dieta, a maioria cata,



se transgênicos sem que se produza justiça.

Todo cristão deveria ajoelhar-se ao entrar numa padaria. Símbolo da vida, o pão é o mais universal dos alimentos. Come-se todo dia e não enjoia. Em Jesus, Deus se fez pão. "Eu sou o pão da vida" (João 6,35). Signo do divino, o pão realça a vida como dom maior de Deus. Pai Nosso/pão nosso.

Quem reparte o pão, partilha Deus. Pouco antes de ser preso, Jesus repartiu o pão entre os seus companheiros e afirmou: "Isto é o

meu corpo". Distribuiu em seguida o vinho: "Isto é o meu sangue". E pediu que fizéssemos o mesmo em memória dele.

Este pedido significa construir uma sociedade na qual todos tenham acesso, como na mesa eucarística, à comida e à bebida, dons da vida. Fazer de nossa existência pão e vinho para que outros tenham vida. Viver em comum-união, o que socialmente só será possível se levarmos à prática o que reza o sacerdote ao consagrar o pão e o vinho em corpo e sangue de Jesus: repartir os bens da Terra e os frutos do trabalho humano.

O sufrágio universal abre a todos as portas da política. A Internet, os canais de informação. Fica faltando o democrático acesso aos bens da vida. O que não ocorrerá enquanto perdurar o capitalismo, que prioriza o lucro e defende a concentração privada da

❖ *Entendemos e vivenciamos a eucaristia como sacramento da partilha e comunhão? É com esse espírito que dela participamos?*

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um novo compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:
VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, FORA DO MFC, UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual: 18 reais (4 números)

Distribuidora MFC de Fato e Razão

R. Visconde do Rio Branco, 633 / 1002 - CEP 24020-005 Niterói - RJ

Tel/Fax (21) 2717-4878 E-mail: texere@uol.com.br

riqueza, ainda que em detrimento da possibilidade de vida de milhares de seres humanos.

A eucaristia e a Páscoa são sinais que subvertem a sociedade marcada pela desigualdade social. O Deus que ressuscitou Jesus é o mesmo que nos deu tudo para que fosse de todos. O Paraíso é uma invenção divina. O egoísmo humano, entretanto, inventou o pecado e, em consequência, a exclusão do Jardim do Éden.

Só o amor, traduzido em partilha de bens e dons, como numa família, resgata a fraternura que deveria unir todos os seres humanos. Então, a eucaristia se faria "carne" no tecido social e a ressurreição dos corpos se tornaria um fato político. E todos veriam, como assinala o Apocalipse, a tenda de Javé erguida entre nós (21,3).

*Escritor, autor do romance sobre Jesus
"Entre todos os homens" (Atica).

ostaria de descobrir a meus irmãos
grande alegria de encontrar-te.

ostaria de lhes revelar
aleza de tua face.

ostaria de fazê-los mergulhar
silêncio de teu amor.

io o conseguindo, choro sozinha
alegria de te haver encontrado
ador de não poder entregar-te
queles que me são
s caros que a própria vida.

Beatriz Reis

Mera coincidência

Marco Antônio Mota Gomes

Ainda era madrugada e eu estava chegando ao aeroporto de Cuiabá, onde permaneci por dois dias realizando um trabalho para o Ministério da Saúde. No domingo, havia aproveitado para conhecer os encantos e mistérios da Chapada dos Guimarães, e com isso havia forçado um pouco os joelhos que já não são tão bons como antigamente, quando os utilizava até para jogar futebol. Estava com muita dor e com limitação dos movimentos.

Na porta do aeroporto fui abordado por uma criança franzina que devia ter uns dez anos e, aparentando ter dormido ao relento, desejava um trocado para comprar um pão. Convidei-a para tomar um café comigo na lanchonete do próprio aeroporto. Pediu-me para comer uma pizza e me acompanhou tomando um suco. Conversamos um pouco sobre as coisas da vida e depois nos despedimos. Ela então me disse uma coisa interessante: "Moço, nunca tinha comido na mesma mesa com uma pessoa importante." Acho que por estar de terno e gravata ela me confundiu com alguma "autoridade".

Passei o dia trabalhando em Brasília e cada vez mais maltratando os joelhos. No final da tarde retornei com dificuldade ao aeroporto, ajudado por amigos que carregaram a minha bagagem, e fui

para a sala de embarque aguardar a chamada de meu vôo pensando no desconforto da classe econômica, onde os espaços estão cada vez mais reduzidos e nem sempre sobra espaço para as pernas. Meu irmão Murilo costuma dizer que o projetista da classe econômica é o mesmo da "Sardinha Coqueiro".

De repente, ouço meu nome sendo chamado para comparecer ao portão 4. Levantei com dificuldade e para lá me dirigi. Ao chegar fui informado que a Varig havia mudado o meu assento e que a viagem seria, sem custos adicionais, pela classe executiva. Aceitei sem nenhuma objeção, é claro, e ainda brinquei com o funcionário dizendo que ele havia adivinhado a minha limitação física naquele dia.

Voltei para o meu lugar, mas fiquei pensando sobre o ocorrido, e uma pergunta me veio a cabeça: por que eu? Naquele vôo havia mulheres, crianças de colo, pessoas idosas e muitas autoridades, e eu havia sido o escolhido para aquele presente. Como gostaria de entender o porquê!

Durante o vôo, aproveitando das mordomias da classe executiva, senti-me como uma pessoa importante (uma autoridade). Imediatamente, recordei-me da criança que havia encontrado no aeroporto de Cuiabá e lembrei-me

desse desfigurado do meu Deus. Uma estranha sensação de que meu lado estava aquela criança, devendo o carinho e a afeição com ela havia compartilhado na manhã, e recordei a frase que disse na saída: "Moço, nunca comido na mesma mesa com pessoa importante". Só que ali, por encanto, "Ele" era a

meu lado e eu o convidado especial. Foi uma sensação tãoinha que, de repente (e naturalmente), comecei a chorar.

A pessoa que estava ao meu lado percebendo o que estava

me perguntou se tinha

de viajar de avião. A intenção

do vizinho foi suficiente para que eu voltasse o pensamento para a realidade e, como a minha fé é muito limitada para entender certas coisas, preferi seguir pensando que o cansaço do dia havia despertado a minha imaginação criativa e que tudo não passava de uma mera coincidência.

Obs.: hoje, quando escrevi essa história, voltei a chorar - e não estava cansado.

*Médico cardiologista, ex-Presidente Nacional e Latino-Americano do MFC, e-mail: mamg@mfc.al.org.br

ALCOOL E DROGAS: EM CASO DE NECESSIDADE, BUSQUE AJUDA TUITA DOS GRUPOS ANÔNIMOS NA INTERNET

AL-ANON: [A ajuda dos familiares do alcoólico](http://www.al-anon.org.br)

--- <http://www.al-anon.org.br>

DEPRESSÃO: [A ajuda dos neuróticos anônimos](http://www.neuroticosanonimos.org.br)

--- <http://www.neuroticosanonimos.org.br>

ÁLCOOL: [A ajuda dos alcoólicos anônimos](http://www.alcoolicosanonimos.org.br)

--- <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>

DROGAS: [A ajuda dos narcóticos anônimos](http://www.na.org.br)

--- <http://www.na.org.br>

OS DE CIGARRO ESTÃO AGORA ADVERTINDO OS FUMANTES



E Colhemos para ver o corações para sentir

Jether Pereira Ramalho

Nesses momentos conturbados da realidade em que vivemos, onde a violência, nas suas múltiplas formas, parece predominar; onde muitos conflitos apontam substratos e indícios alarmantes de “guerras religiosas”; onde o desrespeito à plena dignidade de vida é uma constante no cotidiano de muitos povos, algumas pessoas se perguntam: um dos lindos sinais do último século - o ecumenismo, fracassou?

Possivelmente essa avaliação negativa toma como parâmetro privilegiado de julgamento o movimento ecumônico através das suas grandes expressões institucionais. Assim, por exemplo, uma crise ou a diminuição do

dinamismo e da criatividade do Conselho Mundial de Igrejas; declarações de certas autoridades eclesiásticas e do próprio Vaticano da Igreja Católica Romana; o aumento exagerado do cultivo das identidades confessionais; o ímpeto proselitista de novas expressões religiosas, podem criar uma imagem negativa do sentido e da relevância do ecumenismo na conjuntura atual.

Corre-se então o perigo de uma avaliação reducionista de um movimento que ultrapassa, em muito, as manifestações institucionais, que sem dúvida, são importantes mas não esgotam a proposta, a prática e as expressões do ecumenismo.

O ecumenismo é processo que vai se desenvolvendo, com avanços e retrocessos, enfrentando barreiras religiosas e sociais, que foram criadas, consolidadas, na longa história da humanidade.

Romper preconceitos, derrubar muros políticos e econômicos, condenar discriminações alicerçadas em discutíveis valores tradicionais, possibilitar a vivência e o respeito às diversidades culturais exigem humildade, maturidade e práticas que fecundam o surgimento de nova mentalidade e de uma cultura ecumônica.

Na agenda do ecumenismo, ampla e variada, tem estado presente, não só as questões de fé, doutrina, mas também as questões da natureza e da sociedade. Não se pode omitir o círculo entre a dinâmica das relações e representações religiosas e dinâmica dos acontecimentos sócio-políticos.

Há, sem dúvida, outras manifestações de ecumenismo que ultrapassam às programadas e indicadas pelas instituições ecumênicas. Acontecem de formas mais variadas, ricas de beleza e de singularidade. Não obedecem a grandes esquemas, mas respondem a inquietações e interpelações que surgem, frente a uma nova realidade que lentamente vai se desenrolando.

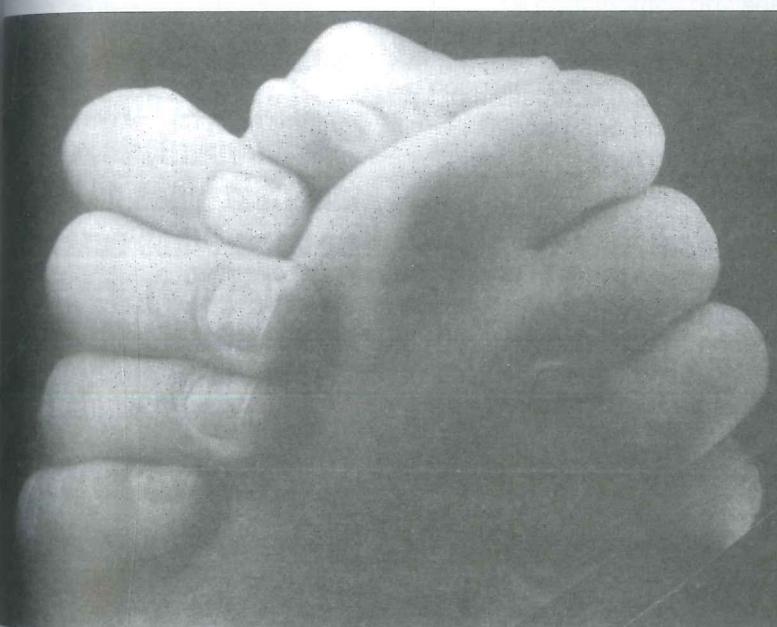
Não se pode negar que está nascendo, criando, cultivando um cultura ecumônica. São novas formas de viver a fé, de não desistir dos sonhos e da esperança. Ultrapassa

uma programação para se alcançar a unidade das igrejas, sem dúvida importante e insubstituível. São sinais que indicam uma nova espiritualidade ampla, profunda, singela e amorosa.

Os sinais dessa cultura ecumônica vão surgindo de forma extremamente variada, por iniciativas institucionais, por desejos de grupos populares, pela exigência de questões sociais, pelas manifestações coletivas de alegria, de dor e de protesto frente a situações que exigem expressões coletivas. Nas situações limite, como a das greves, da morte, de graves decisões surge o imperativo de manifestação ecumônica.

O povo simples está incorporando uma cultura ecumônica, ainda em formação e expansão, com necessidade de aprofundamento e maior visibilidade.

O mosaico das manifestações dessa cultura é tão rico e variado,



singelo ou organizado, espontâneo ou programado, que muitas vezes não é valorizado como expressão de ecumenismo. São sentimentos do coração, brilhos de uma nova conversão, fagulhas de espiritualidade, compromissos com o respeito e a dignidade da vida em todas as suas formas.

Para oferecer uma amostra desse mosaico pode-se indicar "A Década Ecumênica para superar a Violência - Dignidade Humana e Paz", que está se desenvolvendo em tantos países de forma criativa e ampla. Tem como objetivo colocar a preocupação e o esforço de superar a violência e promover a dignidade e a paz no centro da vida e do testemunho das igrejas, organismos ecumênicos, ONGs, movimentos sociais-populares, de modo a construir uma cultura ecumênica de paz. As Campanhas da Fraternidade da Igreja Católica, mesmo quando, infelizmente, não se declaram explicitamente ecumênicas, pela temática abordada vão alimentando a construção de uma mentalidade em que o compromisso com a vida é a chave do verdadeiro ecumenismo.

Também o Forum Social Global, em Porto Alegre, foi em essência um grande festival ecumônico. Também a II Jornada Ecumênica com o tema "O Sonho Ecumônico: Diversidade e Comunhão—Humanidade Reconciliada". Todas as discussões da jornada partiram de uma leitura tridimensional do ecumenismo: unidade entre os cristãos, unidade com os que lutam pela paz, a justiça

e a integridade da criação e a unidade no diálogo inter-religioso.

No campo mais restrito das igrejas e das religiões há também sinais muito inspiradores. A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos proclamou: "O Espírito nos chama a sermos um sinal de esperança diante das consequências desumanas de um mundo dividido e ameaçado pela sede de lucro e de poder". O tema "Pois em Ti está a fonte da vida", fala de outra sede mais profunda que só Deus é capaz de saciar, que nos coloca a serviço dos direitos básicos da pessoa humana, mas também na defesa e na participação de tudo o que Deus criou.

O ecumenismo não é apenas um ato resultante de doutrina, de reflexão teológica, de argumentos racionais, mas também fruto da emoção, do sentimento amoroso, do apelo do coração, da docilidade às manifestações do Espírito de Deus. Olhos com brilho para ver e corações grandes para celebrar a caminhada ecumênica.

*Sociólogo, Igreja Evangélica Congregacional.

A Flor

Na China antiga, um príncipe ia ser coroado imperador mas, de acordo com a lei, ele deveria se casar. Ele resolveu promover uma "disputa" entre as mulheres jovens da região. Convidou para uma festa especial todas as pretendentes para anunciar as regras.

Uma serva do palácio ficou triste, por saber que sua filha gostava muito do príncipe mas não teria chances na competição com as jovens da nobreza imperial e as filhas das famílias ricas da região. Ao chegar em casa, contou essa novidade para a filha. Mas ela disse que pretendia ir à festa.

"Minha filha, o que você vai fazer lá? Tire essa idéia da cabeça".

E a filha respondeu:

"Não, mãe, não estou louca. Eu sei que jamais serei a escolhida, mas minha oportunidade de ficar pelo menos alguns momentos perto do príncipe. Isto já me fará feliz".

À noite, a jovem chegou ao palácio. Lá estavam, de fato, todas as belas moças, com as mais belas roupas, com as mais belas jóias e com as mais determinadas intenções.

Então, o príncipe anunciou o desafio:

"Darei a cada uma de vocês, uma semente. Aquela que, dentro de seis meses, me trouxer a mais bela flor, será escolhida minha esposa e futura imperatriz da China".

O tempo passou e como não tinha muita habilidade nas artes da hortagem, a jovem cuidava da sua semente com muita paciência e carinho. Passaram-se os meses e a semente não brotou. Consciente do seu esforço e dedicação a moça disse à sua mãe que de qualquer maneira iria cultivar a semente no palácio, na data e hora combinadas, pois não pretendia nada além de passar alguns momentos na companhia do príncipe.

Na noite da festa, estava lá, com seu vaso vazio. As outras pretendentes levavam seus vasos, cada uma com uma flor mais bonita que a outra.

Finalmente, o momento esperado. O príncipe observa cada uma das pretendentes com muito cuidado e atenção. Após passar por todas, uma a uma, ele anuncia o resultado. A filha da serva do palácio será a sua futura imperatriz! Ninguém comprehendeu porque ele havia escolhido justamente aquela que nada havia cultivado.

Então, o príncipe esclareceu:

"Esta foi a única que cultivou a flor que a tornou digna de se tornar minha imperatriz: a flor da honestidade. Pois todas as sementes que preguei eram estéreis".

A corrida pelo poder parece não ter nada a ver com Deus e com espiritualidade. Pode não ser a maioria dos políticos, mas muitas pessoas ocupam prefeituras ou são deputados e vereadores, não motivadas apenas por dinheiro ou pela sede de poder e sim por vocação espiritual. Sentem o apelo de Deus que nos chama a transformar este mundo em uma terra de justiça e fraternidade.

Fé & Política se casam

Marcelo Barros*

Infelizmente, existem candidatos que, para ser eleitos, desdizem hoje o que ontem diziam. Fazem mais politicagem do que Política. Também há grupos e pessoas que confundem espiritualidade com espiritualismo alienado. Leonardo Boff adverte: "Não devemos pensar Deus como acima dos humanos, ou como espírito oposto à matéria, nem como simplesmente transcendente ao universo. Deus é dom e desafio. Está em toda experiência que nos fortalece e capacita. Revela-se no regaço confortante da terra, no assobio do vento, no canto dos pássaros. A divindade se anuncia no "dois em um" do amor sexual, na amizade, na comunhão e na revelação sensorial do sentido que são as obras de arte". A Bíblia

insiste: "O caminho da intimidade com Deus passa pelo cuidado com o outro e pela busca da justiça". Por isso, a fé se liga com a Política, como uma das dimensões da vida nas quais Deus se revela e a gente pode cumprir sua vontade e unir-se intimamente ao seu Espírito.

Jesus nos convida a viver a relação com Deus, realizando a sua vontade, construindo o mundo do modo como é o sonho de Deus para a humanidade e o universo, objetos do amor divino. Para quem segue este caminho, a Política não deixa de ser luta pelo poder, mas se torna mais a capacidade de colocar ternura nas relações humanas e amor-solidariedade na organização da sociedade. Martin Buber, um dos maiores espirituais judeus do século XX, dizia: "Deus é a mais carregada



levantando-a do chão e retomando-a para a justiça"***.

* Monge beneditino, autor de 24 livros, dos quais o mais recente é o romance "A Festa do Pastor". Ed. Rede. Fax: 062-3721135. Email: mostecum@cultura.com.br

**MARTIN BUBER, *Encontros, Fragmentos autobiográficos*, Vozes, 1991, p. 49-50.

As pessoas próximas de nós demonstram ter essa consciência? O que se pensa sobre a política nos ambientes em que nos movemos? O que os jovens pensam da política e dos políticos? Votamos com consciência? Acompanhamos o desempenho dos que elegemos? Cobramos deles a coerência de sua prática com as suas promessas?

10 milhão de crianças e adolescentes brasileiros trabalham como empregados domésticos. Raramente patrões e os lhes dão chances de freqüentar escolas. Muito menos lhes concedem tempo, espaço e tempo para fazer os trabalhos escolares de casa, quando conseguem freqüentar uma. É proibido empregar menores. O governo anuncia que vai aplicar multas.

ÁGUA

fundamental para a sobrevivência

Paulo Rocha*

O Dia Mundial da Água foi comemorado sem destaque, revelando a falta de consciência sobre a sua importância capital para a vida, apesar de iniciativas para trazer o assunto à tona.

Uma delas ocorreu no final do ano passado quando a Câmara dos Deputados promoveu em Brasília o seminário *O Encontro das Águas*, reunindo especialistas, políticos, professores, administradores e estudantes para exercitar uma reflexão sobre este bem fundamental à sobrevivência da Terra, que corre sérios riscos de se tornar presa fácil de uma lógica devastadora e neoliberal.

Além do consenso sobre a importância da água para a sobrevivência, ficou claro na ocasião que não podemos permitir que a água nossa de cada dia se transforme num elemento de manipulação política ou econômica.

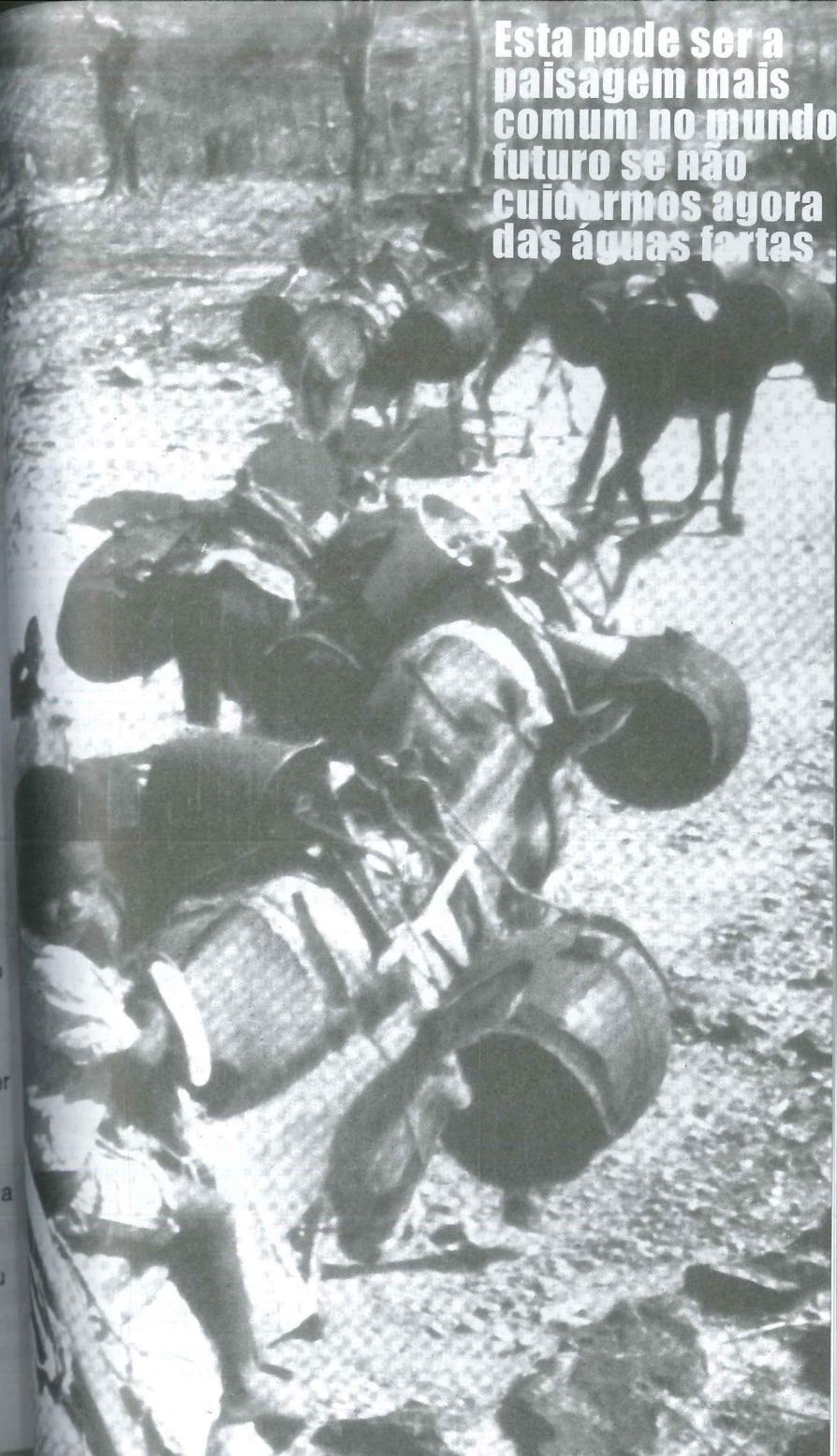
Ricardo Petrella, coordenador do Pacto Internacional da Água, sociólogo e professor da Universidade de Louvain na Bélgica, afirma que a água será elemento raro nas próximas décadas e portanto motivo de disputa e guerra entre países.

Em outras palavras, a água vai se transformar em mais um item a ser negociado nas Bolsas de Valores, como já é o petróleo, as telecomunicações etc.

Precisamos impedir que isso aconteça. A água é um elemento vital à vida e não um mero bem econômico. O motivo é simples. O governo enviou ao Congresso projeto definindo diretrizes para o saneamento básico, englobando desde a captação e fornecimento de água até o tratamento final dos esgotos. O problema é que o projeto, submetendo-se também às exigências do FMI, abre as portas para a privatização do setor, transformando-a num produto qualquer de consumo, sem a necessária responsabilidade do Estado.

A palavra-chave não deve ser lucro, e sim preservação, para que ela se mantenha com um bem acessível a todos. Importa lembrar que apesar de o Brasil contar com a maior reserva de água doce do mundo não se deve concluir que nossas fontes são inesgotáveis, ou que o problema da falta de água é assunto para o Oriente Médio.

Esta pode ser a paisagem mais comum no mundo futuro se não cuidarmos agora das águas faltas



Qualquer debate deve começar reconhecendo as diferenças regionais. É verdade que temos água de sobra no Amazonas, mas o que fazer com a seca que maltrata o Nordeste? E as principais capitais que vivem sob racionamento constante e têm que captar água em sítios distantes, localizados a mais de 100 quilômetros como é o caso de São Paulo? E a morte dos principais rios soterrados pelo lixo urbano, pelo mercúrio oriundo dos garimpos, herbicidas das lavouras ou pelo assoreamento causado pela derrubadas das matas?

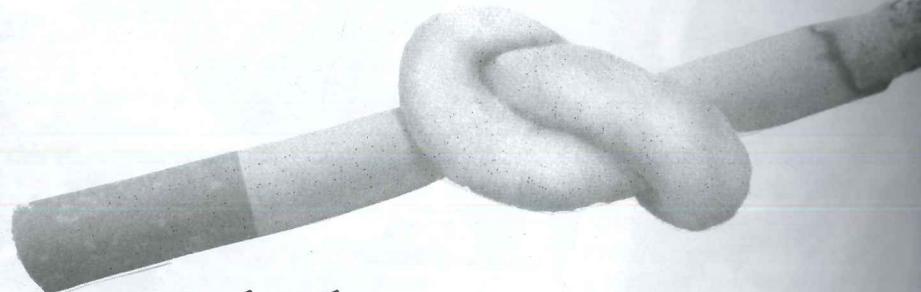
A prioridade, portanto, é tomar consciência da situação. Água de boa qualidade é um produto cada vez mais raro, o que pode ser constatado pela poluição que assola rios e lagoas, sem contar as nascentes ameaçadas pela ocupação indiscriminada.

Contamos com uma natureza exuberante que nos deu muita água mas precisamos tomar medidas tendo em vista o bem-estar das próximas gerações. A água nos garante a lavoura, o gado, as aves, as árvores, a energia elétrica, a pesca, o lazer... a vida.

*Deputado Federal - PA

- ❖ Como é tratado este problema na nossa região? A água é farta e tratada? Há cuidados para proteger os rios da poluição?
- ❖ Há consciência dos problemas futuros anunciados? A vazão dos rios da região continua regular? Ou tem diminuído?
- ❖ Se tem diminuído, quais podem ser as causas? Há desmatamento?
- ❖ Há algum programa do estado ou da prefeitura para proteger as nascentes? E as fontes e poços?
- ❖ Podemos ficar tranquilos, ou devemos nos mobilizar para proteger esse bem valioso?

DÊ UM NÓ NESTA ARMA E SALVE-SE



É DIFÍCIL MAS VALE A PENA.
SUA SAÚDE VALE MAIS.

A gente se deixa enganar facilmente pela propaganda bem feita. Obedecemos ao que nos mandam comprar, escolhemos as marcas que nos recomendam e votamos em quem melhor doura a pílula. Não nos damos conta dos truques com que somos enrolados. É como a sopa de pedra, do delicioso conto de Malba Tahan, que vai aqui em adaptação livre.

Sopa de pedra

O rei é um fino apreciador de exóticos. Ouviu falar que um homem nos confins do seu reino preparar uma deliciosa sopa de pedra. Manda buscá-lo para que ensine a preparar essa sopa gastronômica. Reúne a sua cozinha do palácio para order a fazer a sopa.

Homem pede que busquem uma pedra bem lisa e arredondada, de pedra, com peso igual ao de três ovos. É difícil encontrá-la mas enquadram. Pede um caldeirão de ferro que o coloquem no fogo, de água pela metade. Assim é que Coloca a pedra cuidadosamente e espera que comece a fervura. Pede que os temperos. Vem o alho, o cebola e o alecrim. Coloca o sal e a batata. Pede a cebola. Pergunta se gosta de batata e cebola. Ele confirma e manda

trazer. E carne de carneiro? O rei lambe os beiços e diz que adora. Então as costelas de carneiro vão para o caldeirão. Pergunta o que mais lhe agradaria colocar na sopa de pedra e o rei vai lembrando da couve, da abóbora e de algumas raízes e folhas aromáticas de sua predileção.

Agora é esperar a fervura. Logo o salão está perfumado pelos vapores da sopa. A mesa está posta, o rei e sua família sentados para serem servidos.

O homem manda retirar a pedra com cuidado e colocá-la numa tigela especial no centro da mesa. Pede que os criados sirvam a sopa. Todos ficam maravilhados. Comem até se fartarem. A pedra é lavada e guardada para a próxima sopa. O rei agradecido resolve premiar o homem que volta para casa com uma generosa bolsa de ouro...

A mulher na Igreja

D. Demétrio Valentini

O Dia Internacional da Mulher ensejou a oportunidade para abordar, de maneira criteriosa, a questão da mulher na Igreja. É uma questão com fortes componentes culturais, que precisam ser discernidos, para remover com responsabilidade preconceitos que ainda pesam na mentalidade de muitas pessoas, e que estão se tornando um obstáculo para que a Igreja cumpra sua missão de ser testemunha e avalista do Evangelho de Cristo para o mundo.

A experiência mostra que as maiores resistências que a fé cristã encontra no mundo são de ordem cultural. Porque a cultura é o invólucro mais consistente que condiciona o espírito humano, e molda a percepção da realidade, filtrando-a de acordo com os parâmetros que dão forma mental a um determinado povo.

Libertar a fé dos condicionamentos culturais é a tarefa mais difícil que a evangelização encontra no mundo. Tanto em referência ao anúncio do Evangelho para povos de outras culturas, como em referência à superação de preconceitos dentro

da própria cultura que aceitou, em princípio, a fé cristã.

Como exemplo concreto, e muito complexo, está a situação da mulher na Igreja Primitiva, e por extensão, a situação da mulher na Igreja de hoje.

Para compreender adequadamente as Cartas de S. Paulo que falam das restrições impostas às mulheres na comunidade cristã, é preciso ter muito presente o seu componente cultural, tanto para entender essas restrições, como sobretudo para não se tirar conclusões equivocadas, seja do ponto de vista teológico como pastoral.

São bem conhecidos os textos em que Paulo dá orientações práticas a respeito da situação da mulher. São orientações disciplinares, marcadas pelos costumes da época, que Paulo procura justificar teologicamente, como sempre ele faz, valendo-se de qualquer assunto para falar do mistério de Cristo. Tratava-se de "costumes" humanos, que se impunham com a força do hábito que eles possuíam.

Mas, fica em aberto a questão: por que a fé cristã não se

lha a estes costumes, e não os encava?

Podemos dizer que esta de tolerância com costumes ligados, de complacência com e até de aceitação respaldada justificativas teológicas, se deve ao da grande incidência desses costumes na mentalidade do povo, ponto que mexer com eles ficaria mexer com um vespeiro convicções que causariam logo micas inúteis e inglórias. Isto

ficaria a aceitação da sagem fundamental do Evangelho. Era conveniente não quer com esses costumes, para levantar em bloco uma onda de oção ao Evangelho.

É o próprio S. Paulo que nos dá este critério. Ao dar a Tito as amendações que ele devia passar para a comunidade, quando das mulheres Paulo acrescenta que de toda a questão: "a fim que a palavra de Deus não seja amada" (Tt 2,5)

Aí residia a motivação estratégica. O Evangelho não podia lançar uma onda de rejeição por motivos superficiais, em vista de costumes populares, que não valia a questionar nem contradizer. Era prudente causar celeumas, que iriam inviabilizar a semeadura do Evangelho. Lançada a semente, teria a força de crescer, e iria marcar o momento em que os conceitos contraditórios ao Evangelho seriam superados e abandonados.

"A vez há mais fortunas feitas entre o pôr-do-sol e o nascer-do-sol do que entre o nascer e o pôr-do-sol." (Millôr Fernandes).

O Evangelho suporta as demoras culturais. Porque ele traz dentro de si mesmo a força para implodi-las. Os Apóstolos aprenderam a olhar o que o Espírito ia fazendo entre os pagãos, e assim foram superando preconceitos trazidos do judaísmo. Nós também precisamos estar atentos para ver os passos que a humanidade vai dando. Pois nela o Espírito de Deus age com liberdade.

Por isto, agora a questão da mulher na Igreja se inverte. Se no tempo de Paulo era prudente aceitar preconceitos, "a fim de que a palavra de Deus não fosse difamada", continuar hoje com os mesmos preconceitos é provocar a difamação do Evangelho de Cristo.

A Igreja evangeliza a sociedade, mas a sociedade também evangeliza a Igreja. Muitas questões internas na Igreja, marcadas por fortes conotações culturais, como é a situação da mulher, precisam da ajuda da sociedade para serem superadas.

*Bispo de Jales (SP)

Não fique assim tão sério...

Detetive

O famoso detetive Sherlock Holmes e seu assistente Doutor Watson faziam uma longa viagem a pé, para surpreender os suspeitos de um crime num lugar distante.

À noite, armaram a barraca de lona e dormiram lado a lado. Bem tarde, Holmes despertou Watson e lhe disse:

"Observe as estrelas. O que você deduz do que vê?"

O seu assistente respondeu prontamente:

"Pela posição das estrelas, deduzo que são mais de três horas da madrugada e pela transparência da noite deduzo que não vai chover".

Holmes se irritou:

"Não seja estúpido, Watson. A única dedução correta é que roubaram a nossa barraca!"

Artrite

Num ônibus, um padre senta ao lado de um sujeito completamente bêbado, que tenta, com muita dificuldade, ler o jornal. Logo, com voz empastada, o bêbado pergunta ao padre:

"O senhor sabe o que é artrite?"

Irritado, o padre quis repreender o bêbado:

"É uma doença provocada pelo excesso de consumo de álcool!"

O bêbado calou-se e continuou com os olhos fixos no jornal. Alguns minutos depois, achando que tinha sido muito duro com o bêbado, o padre tenta amenizar:

"Há quanto tempo o senhor está com artrite?"

"Eu? Eu não tenho isso não. Aqui no jornal diz que quem tem artrite é o Papa!"

Notícia

No meio da madrugada o telefone toca. Nossa amigo levanta-se e atende:

"Alô, seu Carlos? Aqui é o Arnaldo, caseiro do seu sítio".

"Sim, seu Arnaldo. Houve algum problema?"

"Ah, eu só tô ligando pra avisar pro senhô que o papagaio morreu".

"Meu papagaio? Morreu? Aquele que ganhou o concurso?"

"É, ele mesmo".

"Pôxa! Que pena! Gastei uma fortuna com aquele bicho! Mas ele morreu de quê?"

"De comer carne
ada".

"Carne estragada? Quem
a maldade? Quem deu carne

"Ninguém. Ele comeu a do
valo morto".

"Cavalo morto? Que cavalo
seu Arnaldo?"

"Aquele puro-sangue que o
tinha!"

"Putz, morreu?! do que?"

"Ele morreu de tanto puxar a
d'água!"

"O senhor está louco? Que
d'água?"

"Foi pra apagar o incêndio!"

"Que incêndio, meu Deus?"

"Na sua casa! Uma vela
pegou fogo na cortina!"

"Caramba, mas aí tem luz
al! Que vela era essa?"

"Do velório!"

"Que velório, seu Arnaldo?"

"Da sua mãe! Ela apareceu
sem avisar e eu dei um tiro
ensendo que era um ladrão."

Assaltantes

Nessa época de tanta
caia é prudente saber
necer quem está assaltando

ense

... Isso é um assalto...
os braços e num se bula nem
munganga... Passa vexado o

senão eu planto a peixeira
bucho e boto teu fato pra

Perdão meu Padim Ciço, mas
eu tô com uma fome da

ro

padre, prestenção... Issé um

assalto, uai... Levantos braç e fica
quetinho quesse trem na minha mão
tá cheio de bala... Mió passar logo
os trocados que eu num tô bão
hoje... Vai andando, uai, tá
esperando o que, uai..

Gaúcho

Ô gurí, ficas atento... Báh, isso é um
assalto... Levantas os braços e te
aquieta, tchê! Não tentas nada e
tomas cuidado que esse facão corta
que é uma barbaridade... Passa os
pilas prá cá! E te manda a la cria,
senão o quarenta e quatro fala!!

Carioca

Seguiiinnte, cara... Tu se ferrou,
isso é um assalto... Passa a grana e
levanta os braços cara... Não fica de
bobeira que eu atiro bem paca... Vai
andando e se olhar pra trás vira
presunto, valeu?!

Baiano

Ô meu rei....(longa pausa)..... isso
é um assalto... Levanta os braços,
mas não se avexe não... Se num
quiser nem precisa levantar, pra
num ficar cansado... Vai passando a
grana, bem devagarinho... Num
repara se o berro está sem bala,
mas é pra não ficar muito pesado...
Não esquenta, meu irmãozinho, vou
deixar teus documentos na próxima
encruzilhada...

Paulista (torcedor do Corinthians):

Ôrra, meu..... Isso é um assalto,
meu.... Alevanta os braços, meu....
Passa a grana logo, meu... Mais
rápido, meu, que eu ainda preciso
pegar a bilheteria aberta pra
comprar o ingresso do jogo do
Timão, meu.... Se manda, meu....
Brasiliense (em rede nacional de
TV)

Minha gente...

A TV brasileira acaba de dar mais um passo em direção ao nada; aliás, dois passos: "Big Brother Brasil", da Globo e "Casa dos Artistas", do SBT assinalam, ambos, uma aposta persistente no vácuo cultural.

Big Brother Brazil

Marcos Rolim

A idéia dos programas, como se sabe, é a de captar cenas do cotidiano de "pessoas comuns" em um espaço privado com câmeras espalhadas em todos os aposentos, banheiros inclusive. Os escolhidos são catapultados para a fama por conta do "voyeurismo eletrônico" e costumam ser especialistas em bobagens.

Há, de início, duas mentiras nos programas: as pessoas convidadas não são, exatamente, "pessoas comuns": são, em regra, jovens adultos da classe média que compartilham as características da ambição e da superficialidade.

Em segundo lugar, as cenas não são de "flagrantes da vida privada" uma vez que todos sabem que estão sob a luz dos refletores; o espaço que habitam, então, é público por definição. Nenhum deles está em uma "casa", mas em um "palco". A diferença é que não há enredo, nem peça, nem filme. Não há qualquer proposta estética, nem diretores ou artistas.

O que há, então? Há uma farsa na qual reserva-se lugar para tudo, menos para o pensamento.

Há, especialmente, espaço para a grosseria e o grotesco, para o preconceito e para a ausência de conceito, para a linguagem vulgar e para a vulgaridade sem linguagem.

Os personagens dessa farsa não representam, são caricaturas de si próprios. Tentam parecer melhores do que são e, quando conseguem, realçam apenas o que há de insuportável nas ausências que os constituem. São como esfinges sem enigmas; jovens que já se resignaram antes mesmo que houvessem se revoltado contra o que quer que fosse.

É certo que deve-se admitir nas pessoas o direito à falta de seriedade, pelo menos nos momentos em que ela não seja uma imposição; concedo que as pessoas tenham mesmo o direito à tolice, especialmente quando crianças ou adolescentes. O que me parece inconcebível é que a TV promova tudo isso em um padrão de idiotia ao qual se confere, inclusive, o estatuto de fato noticioso.

Poderíamos dizer que tudo não passa de um espetáculo

platável, mas não há sequer espetáculo".

Estamos comentando, aliás, aquilo que é a mais recente farsa da TV que, como era de imaginar, reúne uma generosa simpatia entre aqueles já sumados a perder seu tempo.

Sem que se dêem conta, os espectadores vão sendo "vítimas" pela mediocridade da televisão. Sintonizam seu tempo com esse lixo e, nessa opção, passam-se com seu tempo. Ao lado dos "prisioneiros de

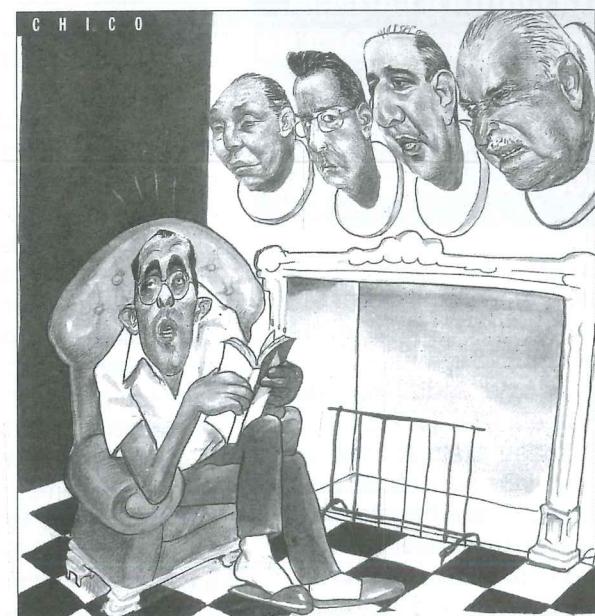
consciência", entretanto, perdem sua liberdade por não pensar.

Na célebre ficção de Orwell - "1984" - a figura do "Big Brother" representava a ameaça do totalitarismo. A história nos permitiria inúmeras analogias ou metáforas mas, sinceramente, esse tipo de programação não as merece.

Na TV brasileira, "Big Brother" é apenas outro nome para a ameaça da banalidade.

* Deputado Federal - RS

Uma sugestão: reuna seus amigos e façam juntos uma avaliação crítica dos programas de TV, para identificar o que é joio e o que é trigo. O que educa e diverte, o que deseduca e perverte.



Homenagem do grande cartunista Chico (O Globo) e de Fato e o aos bravos procuradores de justiça que enfrentam, com muita ingerim e êxito, a corrupção e graves desvios de comportamento na pública do país.

Treinados para a indiferença

Cristovam Buarque

Se nos tempos de Hitler houvesse televisão em cadeia mundial, ele não teria conseguido manter por tanto tempo campos de concentração, nem fazer o gueto de Varsóvia. A opinião pública teria apoiado a guerra contra o nazismo desde o seu início. A falta da televisão atrasou o enorme esforço feito para barrar o avanço do totalitarismo.

Hoje, o mundo assiste indiferente aos horrores em escala global. Porque vivemos um tempo de indiferença.

No Oriente Médio, há anos assistimos pela televisão ao momento quase exato em que jovens palestinos se suicidam assassinando jovens israelenses e em que soldados israelenses se embrutecem matando jovens palestinos. Cada qual dizendo defender sua própria terra, eles sacrificam e se sacrificam, diante da indiferença do mundo. Porque o

mundo vem treinando há décadas para ficar indiferente.

O terror deve ser interrompido, não apenas em defesa da vida de suas vítimas, mas em defesa também dos próprios jovens que se suicidam matando; a brutalidade dos soldados deve também ser interrompida, não apenas em defesa de suas vítimas, mas também dos próprios soldados, que ficarão para sempre embrutecidos pela ação violenta que hoje praticam.

Mas, o mundo assiste ao martírio dos inocentes cujo único erro foi estar em um café no momento em que ali explode uma bomba que eles não esperavam, ou o martírio do terrorista que deliberadamente explode a bomba em seu próprio corpo; ou do jovem palestino vítima de um tiro do soldado israelense; ou o sofrimento do próprio soldado com o corpo protegido dentro de um tanque monumental, mas o espírito vitimado pelas maldades que lhe mandaram executar.

Vivemos um mundo onde todos são vítimas, sem uma indignação que faça parar a tragédia. E assistimos em cadeia nacional às explosões, aos tiros, às mortes, porque fomos treinados para isso.

Há décadas, assistimos às imagens de crianças morrendo de



se observa com indiferença nos jornais e TV o impressionante cenário de Jenin, na Palestina, após o ataque arrasador de Israel, com centenas de palestinos mortos, depois um cerco imposto a toda a população da cidade, impedida até de receber socorro médico e alimentos.

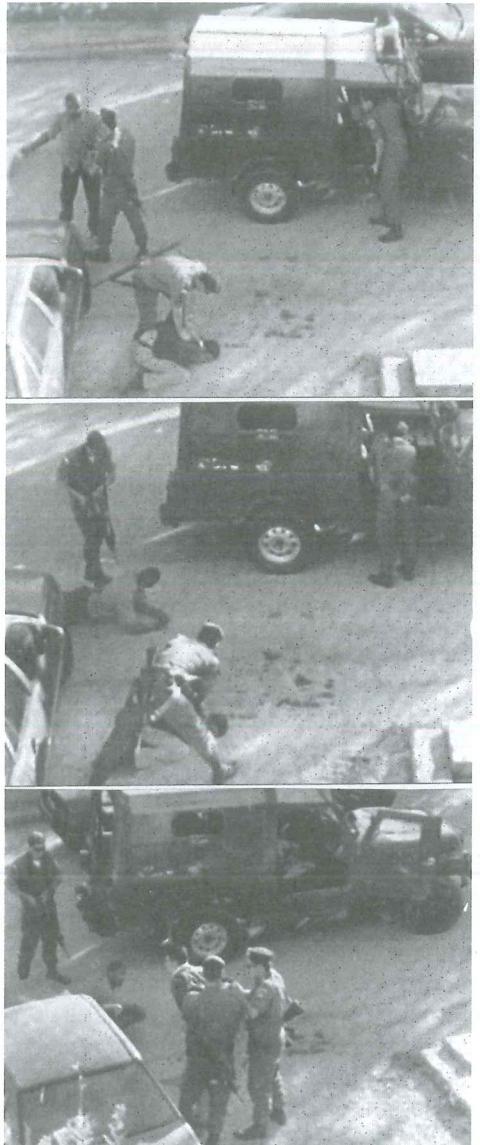
me, em um mundo com excedente de alimentos; assistimos a milhões morrendo de Aids, quando a ciência oferece coquetéis salvadores; vemos crianças trabalhando, adultos desempregados, famílias sem abrigo, sem tratamento médico, tudo diante da indiferença. Um mundo que tem mais de US\$ 40 trilhões de renda mundial concentrada em poucos países, obriga os povos pobres a pagar mais de US\$ 300 bilhões por ano para o serviço da dívida, quando apenas 0,1% da renda total seria suficiente para abolir o trabalho infantil, levando 250 milhões de crianças para a escola. Tudo isso é fruto da indiferença dos governos, das organizações internacionais e da mídia pública.

Diferentemente da inocente população nos tempos do nazismo, que não sabia o que acontecia, a população mundial de hoje não

pode dizer que desconhece a realidade. Ela assiste à tragédia em cadeia mundial de televisão.

Há cinqüenta anos, as fotos em branco e preto dos campos de concentração nazistas horrorizaram o mundo, quando publicadas em revistas, anos depois de terem acontecido. Hoje, assistimos ao vivo e em cores, pela televisão, a cenas ainda mais dramáticas de campos de concentração da modernidade, sem cercas, nem guardas, sem totalitarismo, nas estepes africanas ou na periferia das grandes cidades de qualquer país. E pouco se vê de horror ou indignação.

Os filmes sobre o gueto de Varsóvia nos chocam até hoje, mas não nos chocam as cenas reais transmitidas pela televisão dos modernos guetos que são as favelas dos pobres excluídos, não importa a cidade do mundo onde



estejam. Porque, banalizando a tragédia, treinamos para a indiferença e endurecemos nossos corações.

A modernidade da globalização espalhou pelo mundo campos de concentração e guetos, sem preconceitos étnicos, sem opção política, sem necessidade de

totalitarismo, acobertados pela indiferença que domina nossos tempos.

Dentro de décadas, quando escreverem a História de nosso tempo, não será o avanço técnico nem a riqueza que definirão nossa era. Também não poderá ser a pobreza, porque ela é apenas uma parte da nossa realidade. Os historiadores terão de encontrar uma expressão que indique ao mesmo tempo a riqueza e a pobreza, a democracia e os campos de concentração da modernidade, o avanço técnico e os guetos modernos. O nome mais apropriado para nossa era será: tempo de indiferença.

Hoje, vivemos na indiferença diante de todas as formas de perversão que caracterizam a sociedade moderna, na sua extrema riqueza e extrema pobreza, na sua possibilidade de paz e sua realidade de guerra, no seu excedente e sua escassez. Um tempo de indiferença diante dos destinos de crianças que trabalham, de adultos que não têm trabalho, de famílias sem terra, sem teto, sem esperança.

Se nos olhassem desde onde estão, os habitantes dos anos 30 e 40 teriam vergonha da nossa desumanidade. Porque eles não foram treinados para a indiferença, como nós estamos sendo, diariamente, a cada dia, diante da televisão que nos mostra os horrores que, de tão vistos, deixam de incomodar.

*Professor da UnB/CDS e autor do livro "Admirável mundo atual". Correio Brasiliense, 8/4/2002.

Vou-me deitar"

A mãe e o pai estavam vendo televisão, quando a mãe disse:
"Estou cansada e já é tarde.
Vou-me deitar".

Foi à cozinha fazer uns sanduíches para os almoços do dia seguinte na escola, passou água nas laças das pipocas, tirou carne do congelador para o jantar do dia seguinte, confirmou se as caixas de cereais não estavam vazias, checou o açucareiro, pôs tigelas e heres na mesa e preparou a friteira do café para estar pronta para ligar no dia seguinte.

Pôs ainda umas roupas na máquina de lavar, passou uma camisa a ferro e pregou um botão que estava caindo. Guardou umas roupas do jogo que ficaram em cima da mesa, e pôs a agenda do telefone no lugar dela. Regou as plantas, despejou o lixo, e pendurou a toalha para secar.

Bocejou, espreguiçou-se, e foi para o quarto. Parou ainda na

secretária e escreveu uma nota para o professor, pôs num envelope o dinheiro para uma visita de estudo, e apanhou um caderno que estava caído debaixo da cadeira. Assinou um cartão de parabéns para uma amiga, selou o envelope, e fez uma pequena lista para a mercearia. Colocou ambos perto da carteira.

Nessa altura o pai disse lá da sala: "Pensei que você tinha ido deitar-se".

"Estou a caminho" respondeu ela.

Pôs água na tigela do cachorro e chamou o gato para dentro de casa. Certificou-se que as portas estavam fechadas. Espreitou para o quarto de cada um dos filhos, apagou a luz de um abajur, pendurou uma camisa, atirou umas meias para o cesto da roupa suja, e conversou um bocadinho com o mais velho que ainda estava estudando.

Já no quarto, acertou o despertador, preparou a roupa para o dia seguinte e arrumou os sapatos.

Depois lavou o rosto, pôs creme, lavou os dentes e acertou uma unha partida.

Por essa altura, o pai apagou a televisão e disse:

"Vou-me deitar"

E foi direto para a cama... sem mais nada...

*É assim lá em casa, ou isto é apenas uma anedota?
Na nossa cultura machista patriarcal, as tarefas domésticas costumam ser partilhadas? Os filhos ajudam?*

"Nunca conheci ninguém podre de rico. Mas já vi milhares de pessoas podres de rica." (Millôr Fernandes).

"Mentira repetida mil vezes se transforma em verdade" é uma frase atribuída a Adolph Hitler, o maior carrasco do século XX. Goebbels, o seu braço direito na propaganda oficial do nazismo completava: "Quanto maior a mentira, mais provável que acreditam nela". Há também a meia-verdade, que a sabedoria popular já denunciava: "Meia-verdade é mentira inteira"

A VERDADE fabricada com mil mentiras

Helio e Selma Amorim*

É o que vemos, ouvimos e lemos todos os dias. Identificar o que é verdade, mentira ou meia-verdade exige um senso crítico aguçado, acesso a fontes alternativas de informações e a análises isentas na periferia da grande mídia. Impõe uma aprendizagem da desconfiança ante mensagens transmitidas por jornais e revistas coloridas de alta circulação ou apresentadoras charmosas de TV. Os interesses comerciais ou políticos dos patrocinadores desses veículos de informação, formadores de opinião, condicionam os editores em suas análises e pautam o que deve ou não deve ser destacado no que se diz e escreve.

Por outro lado, mentem as pessoas que figuram na vida pública do país. Mentiras ou meias-verdades repetidas incessantemente acabam sendo de fato assimiladas como verdades indiscutíveis. Mark Twain, o ferino escritor norte-americano, resumia numa frase o que estava na cabeça desses mentirosos contumazes: "A verdade é um bem precioso. Tratemos de economizá-la".

Reprodução de TV

Realizações dos governos
jo as mentiras e meias-verdades
ais comuns, porque dirigentes do
s têm franco acesso à TV e à
dia escrita.

Aprendemos assim que o
s está muito bem, reformas
 profundas foram feitas, não há
ação, a economia dá provas de
sistência às crises mundiais, a
ta de energia foi superada com a
obilização popular, em breve vai
brar energia e sua falta
mportaria em nada afetou a vida
s indústrias, os 15 reais da bolsa
cola estão transformando a vida
s famílias pobres, e o abismo
decente entre ricos e pobres está
os dias contados. E chovem
státicas, números e percentuais,
a fácil manipulação.

Andando pelas ruas, de olhos
ertos, tem-se a impressão de que

se trata de outro país, não aquele
que se apresenta nos discursos
oficiais.

A violência comanda o
espetáculo, já com cores de
guerrilha urbana, com bandidos
melhor armados que a polícia,
atacando patrulhas, lançando
granadas em delegacias policiais e
seqüestrando presos com
helicópteros.

A pobreza e a miséria são
visíveis nas ruas, uma das causas
daquela violência, como já hoje
ninguém contesta. A economia
estagnada, o desemprego nas
alturas, disfarçado pelo subemprego
e a camelotagem.

As classes médias perdendo
o poder de compra com reflexos no
nível de emprego na indústria e no
comércio.

E a política na maior desordem, em ano eleitoral. Também aqui a mentira ganha prestígio: os candidatos não são mais o que são mas a imagem que lhes impuseram seus respectivos marqueteiros, com base no que querem ouvir os eleitores, para lhes conquistar os votos.

Ideologias viraram fumaça e programas de governo não se apresentam, talvez porque essas coisas sejam um anacronismo na política moderna, e não nos avisaram.

Certamente o marqueteiro, verdadeiro vencedor desse novo estilo de campanha eleitoral, virá doravante a partilhar com o eleito a festa da vitória.

O divertido episódio da batida policial nos escritórios do ex-candidato a primeiro marido gerou uma profusão de mentiras que se transformariam em verdade se repetidas mil vezes. Um monte respeitável de dinheiro foi encontrado na empresa, em caixas de papelão. Foram apresentadas sete ou oito explicações marotadas e desencontradas sobre de quem é e de quem veio esse butim.

- ❖ Temos consciência de sermos iludidos pelos noticiários e discursos?
- ❖ Que possibilidades temos de acesso a informações isentas e confiáveis? Como perceber o que são mentiras e meias-verdades?

Nasce a Corte Penal Internacional

As ratificações que faltavam chegaram às Nações Unidas e a Corte nasceu. O objetivo é impedir que pessoas que cometam os crimes mais graves contra a humanidade, encontrem refúgio em algum lugar do planeta. O novo Tribunal está instalado em Haia, Holanda.

A dona da empresa concentrava sua fúria contra o ministro que sabia o que ia ser feito e não a avisou. O episódio nos fez lembrar o brado indignado do super-bicheiro Castor de Andrade, preso com seu bando, há alguns anos, na invasão da sua fortaleza pela polícia, acionada pela juíza Denise Frossard: "Que polícia é essa, que invade o meu escritório sem me avisar?"

Se nos voltamos para o que nos chega de fora, com destaque para o que se passa na Palestina e no Afeganistão, aplica-se o que todos sabem: "nas guerras, a primeira vítima é a verdade".

Nesse ambiente de mentiras e meias-verdades em que estamos mergulhados, o senso crítico deve ser ativado no seu nível máximo para se identificar no turbilhão de palavras duvidosas a verdade escondida nas entrelinhas e silêncios que falam mais do que elas.

* Membros do MFC. Artigo publicado no boletim REDE, editado pela Rede de Cristãos das Classes Médias.

Não basta divulgarmos o uso da Bíblia, mas também aprofundar a contribuição, deste texto sagrado, hoje, para um mundo mais humano, justo e de paz.

Pe. Marcelo Barros, OSB

Palavra que se faz vida

Desde a invenção da imprensa, nenhum outro livro teve tantas edições como a Bíblia. Ela está traduzido em tantas línguas, ou tem a mesma divulgação que a Bíblia. Tais dados alegam os cristãos. Entretanto, hoje muitos se perguntam se tal sucesso editorial deve mais a uma descoberta da palavra de Deus por parte da humanidade ou se a Bíblia foi produzida a material de propaganda e uma Igreja colonialista, que se opôs em todas as partes do mundo.

Quando o papa Paulo VI visitou a Colômbia (1968), recebeu um grupo de indígenas. Estes lhe narraram de seus sofrimentos e do esforço para retomar suas culturas originais. Para concluir, lhe disseram: "Os colonizadores nos tiraram a Bíblia, destruíram nossas culturas e tomaram nossas terras. Agora, devolvemos a Bíblia, pedindo a volta nossas terras e o direito de manter nossas culturas originais".

Essa postura parece progressiva, mas não podemos nos esquecer de que, em nome da Bíblia, cristãos fizeram guerras e cruzadas contra "infiéis", queimaram

"hereges" e, nem sempre deram testemunho de um Deus da paz.

Este modelo injusto de sociedade, que faz da Europa e da América do Norte, ilhas de luxo e consumo, à custa da miséria de dois terços da humanidade é, de alguma forma, herança de uma civilização que se diz cristã e, por séculos, domina o Ocidente.

Hoje, muitos cristãos procuram uma leitura da Bíblia mais aberta e universal. Eu mesmo tenho sido convidado por cristãos que vivem com comunidades indígenas da Bolívia, para lhes dar cursos sobre a leitura da Bíblia, a partir das tradições e culturas indígenas e respeitando-as plenamente.

Eliseu Lopes, biblista, por muitos anos secretário e verdadeira alma do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos), escreveu um estudo, mostrando como o Catecismo Católico deturpou a Bíblia,

reduzindo as Dez Palavras com as quais o Senhor revelou sua vontade a seu povo nos tais "Dez Mandamentos" que todo católico conhece de cor, e que não correspondem ao texto bíblico.

A Bíblia contém a revelação: "Eu sou o Senhor..." (Ex 20; Dt 5). Daí decorrem as palavras sobre sua vontade e sua proposta de aliança. Dizem respeito ao povo como comunidade. A doutrina católica transformou essa revelação em "mandamentos" ou "lei de Deus", insistindo, obsessivamente, em uma moral individualista e sexofóbica, que não existe no texto bíblico.

Antes, a Bíblia, fechada, unia os cristãos. Aberta, os dividia em interpretações divergentes. Cada vez mais descobrimos que essa diversidade de compreensões é positiva. Católicos e evangélicos de diferentes Igrejas lêem juntos a Bíblia e se unem em um serviço comum ao povo. Ler a Bíblia e, se possível, em comunidade, nos ensina a escutar a Deus e a meditar sua Palavra.

- ❖ *O povo cristão tem o hábito da leitura da Bíblia? Há diferenças de hábitos entre cristãos de diferentes Igrejas?*
- ❖ *Podemos afirmar que sabemos de fato ler a Bíblia? Sabemos descobrir o que a Bíblia afirma e ensina, através de fatos e relatos nem sempre históricos?*

"O orçamento nacional deve ser equilibrado. As dívidas públicas podem ser reduzidas. A arrogância das autoridades deve ser moderada e controlada. Os pagamentos a governos estrangeiros devem ser reduzidos, se a nação não quiser ir à falência.

As pessoas devem novamente aprender a trabalhar em vez de viverem por conta do governo".

(Marcus Tullius Cícero, Roma, 55 a.C.)

Esta Palavra contém um projeto de vida para nós e para o mundo. Faz-nos participar de uma longa história, na qual descobrimos como Deus guiou nossos antepassados na fé. Hoje, nos engaja em uma aventura na qual nossa própria vida se torna história de salvação.

Lida dessa forma, a Bíblia nos abre para tantas formas como, nas diversas culturas, Deus revela sua presença e faz de nós testemunhas de que a Palavra de Deus se faz carne, assumindo toda a humanidade em seu amor. Para nós cristãos, essa Palavra é alguém e se chama Jesus Cristo.

*Monge beneditino, escritor, tem 23 livros publicados, entre os quais o romance "A noite do Maracá".
(Edit. UCG - Rede). Fax: 062-3721135.
Email: mostanun@cultura.com.br

foto

gem do corpo de menino refugiado é sendo usado para o sal ao fotógrafo marquês Erik ter o prêmio de de Imprensa dhal do Ano, obtendo com quase 110 imagens de 123 us.

fato

enas de milhares de afgãos, mulheres e crianças, sujeitos à fome e aos bombardeios param-se no instão.



razão

undo aos atos terroristas de 11 de setembro de 2001, em Nova York, o governo norte-americano desencadeou uma guerra arrasadora de extermínio contra o Afeganistão, usando aviões sofisticados de alto poder de ataque, e bombas modernas de arrasador destruição, contra um exército esfarrapado e faminto, equipado com armas de fogo. Foi a luta de Golias contra Davi, para eliminar alguns loucos terroristas acolhidos por aquele país, à custa de uma carnificina criminosa na população civil. Médicos que tinham atendido aquela população miserável afirmam que milhares de crianças tiveram a audição com as explosões e as menores provavelmente nunca aprenderão a

Nova maneira de ser Igreja

A experiência das Comunidades Eclesiais de Base, Cebs e da Teologia da Libertação que a Igreja do Brasil está vivendo nasce nos anos 50. Reinava, na Igreja, uma necessidade forte de renovação. O Concílio Vaticano II (1962-1965) abriu espaço para a proposta de uma Igreja participativa, comprometida com a libertação dos pobres.

O Ato Institucional nº 5 foi adubo para esse impulso renovador: as Cebs abrem as portas para os perseguidos que estimulam sua presença nos movimentos de reivindicação.

É nessa vivência que brotam a escolha preferencial pelos pobres, o livro "Teologia da Libertação" de Gustavo Gutiérrez, em 1971, e uma nova CNBB, que lança as primeiras denúncias de torturas a presos

políticos e afirma: "Ao cristão é proibido ficar triste e ter medo". Nascem também as pastorais sociais, sinais do profetismo da igreja. Os anos que se seguiram foram de esperança e de construção, articulando fé e política a serviço das minorias.

A embrionária estrutura pastoral formada pelo tripé CNBB-Cebs-Pastorais, apoiada na nova teologia, ia se colocando como novidade face à antiga estrutura clerical do século XI.

Mas, o barco de Pedro, metido nas tempestades da história, começou a balançar e o bombardeio volta dela, estavam sentadas pessoas famintas e desesperadas. do Palácio de La Moneda (Chile), dada uma delas segurava uma colher de cabo tão comprido 11 de setembro de 1973, espalhou e lhe permitia alcançar o caldeirão, mas não suas próprias bocas. ansiedade e medo na sociedade e o sofrimento era imenso.

na igreja do continente. No fim dos anos 80, a CNBB, golpeada pela curia vaticana, entrou num período de retração e involução. Ao final do

seculo XX, o império norte-americano, via globalização, fez aumentar o peso de sua ação e um bom número de católicos, integrando o esquema das classes dominantes, ajuda a impor o neoliberalismo e a exclusão social.

poode ser o inicio do declínio da sociedade ocidental liderada Estados Unidos. Há sinais de revolta das massas de Estados Unidos confirmado o surgimento de uma sociedade civil mundial. E muitos cristãos comprometem suas vidas. Eles, juntamente com os que laboram e constróem um novo tipo de sociedade, vivem uma realidade encarnada e uma fé nova, dinâmica e, às vezes, ardente.

A nova proposta de Igreja, povo de Deus, atravessa as compreensões autoritárias e individualistas. Ela tem em si uma

realidade que não visa

recer receitas prontas aos

lenda Judaica

us convidou um Rabino para conhecer o céu e o inferno. Abrirem a porta do inferno, viram uma sala em cujo centro havia um caldeirão onde se cozinhava uma suculenta sopa. voltava dela, estavam sentadas pessoas famintas e desesperadas. dada uma delas segurava uma colher de cabo tão comprido que lhe permitia alcançar o caldeirão, mas não suas próprias bocas. o sofrimento era imenso.

Na sequida, Deus levou o Rabino para conhecer o céu. Entraram em uma sala idêntica à primeira, havia o mesmo caldeirão, as pessoas em volta, as colheres de cabo comprido.

É que todos estavam saciados. Eu não comprehendo, disse o Rabino, por que aqui as pessoas estão vivas, enquanto na outra sala morrem de aflição, se é tudo igual?

o Rabino sorriu e respondeu: Você não percebeu? É porque aqui eles aprenderam a dar comida aos outros...

nte: Encantos e Paixões

No limiar do terceiro milênio, paralelamente ao "pensamento único", é a sociedade neoliberal que entra em crise. O 11 de setembro de 2001 para pensar: "O amor é um sentimento dos seres imperfeitos, já que a função do amor é levar o ser humano à perfeição". (Aristóteles).

desafios éticos da sociedade moderna, mas tem, isso sim, uma nova visão para ensaiar rumos de colaboração e integração com o mundo.

Certamente, surgirão lideranças que promoverão novos movimentos populares. Pode-se presumir que a Igreja seguirá nesses movimentos. Esse grande processo histórico terá de criar novas estruturas sociais e sistemas de pensamento, novas teologias e modos de agir.

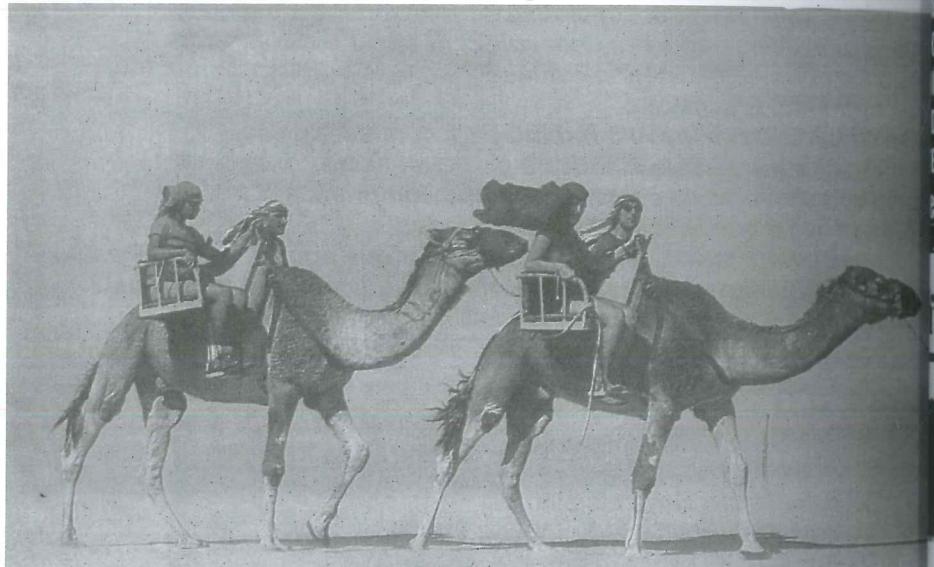
Essas novidades podem aparecer bem antes do previsto, pois a história é mais forte do que os projetos dos impérios, e tudo muda. (ADITAL)

O camelo

Estando doente um chefe de família, sentindo-se próximo da morte, fez o seu testamento de maneira que os seus filhos ficassem contentes.

Passados alguns dias o homem morreu. Os filhos ficaram tristes muito naturalmente, porém se consolaram com o fato de que o velho tinha vivido uma vida longa, útil e honesta. Logo, sem remorsos, poderiam gozar a fortuna que lhes legara o bondoso pai.

Abrindo-se o testamento, notaram que o filho mais velho receberia a metade da fortuna; o segundo filho, o do meio, um terço; e o mais novo, um nono. Ficaram satisfeitos, pois acharam a partilha justa. Só não sabiam que a herança consistia de 17 camelos. Ora, como dividir os bens, sabendo-se que a metade de 17 é $8\frac{1}{2}$? Não poderiam matar um camelo e parti-lo ao meio. Isso nada lhes aproveitaria.



Ainda assim, lembraram-se os rapazes de que tinham um tio, embora pobre, era muito sábio. Resolveram consultá-lo. Quando à casa do parente, depois de uma longa jornada, param-lhe o problema.

Tendo ouvido atentamente o caso, o tio, pensativo, depois de uns minutos, disse aos sobrinhos que já encontrara uma solução ao problema. Ele possuía um camelo e doaria esse animal aos netos, assim, com dezoito camelos poderiam efetuar a partilha sem nenhum problema.

Assim, voltando para casa, os três herdeiros, com o camelo do
foi fácil fazer a divisão: metade de dezoito, nove, a herança do
mais velho; um terço de dezoito, seis, a parte do filho do meio;
novo de dezoito, dois, quanto coube ao filho menor.

Então veio a surpresa: $9 + 6 + 2 = 17$. Sobrou um camelo. Os de cada um dos herdeiros receber todo satisfeito a sua, lá estava inteirinho o animal que tinha resolvido a questão. Voltando à casa do tio, demonstrando afetuosa gratidão, os filhos com muita alegria devolveram-lhe o camelo. (Adaptação de Malba Tahan).

COMPLETE A SUA COLEÇÃO.
CONSULTE E PEÇA OS
NÚMEROS QUE FALTAM.
DISTRIBUIDORA MFC
E/FAX (21) 2717-4878
xere@uol.com.br



Economia & Educação

Um debate invertido

Cesar Benjamin*

Estive recentemente, na condição de economista (pois as pessoas pensam que sou economista) em um congresso de educadores. Fiquei, desde logo, preocupado. Para defender a alocação de mais recursos para o setor, pessoas bem-intencionadas enfatizavam a influência positiva - a meu ver, bastante discutível - da educação sobre o crescimento econômico. "Que apoio a educação pode dar para a retomada do desenvolvimento?", foi a questão que me propuseram. Fugi dela. Pois, a meu ver, deveríamos perguntar exatamente o contrário: "Qual é o papel do crescimento econômico no apoio à educação?"

É claro que um projeto educacional exige meios, e isso envolve questões de economia. Mas, se colocarmos na balança o que é meio e o que é fim, não hesito em responder: economia é meio, educação é fim, e não o contrário.

Em uma sociedade civilizada, o desenvolvimento econômico deve ser pensado como um estratagema útil e necessário, de que lançamos mão, para que as pessoas possam dedicar mais tempo de sua vida a buscar cultura, conhecimento, interação humana, prazer estético e transcendência.

A valorização dos espaços educacionais se tornou imprescindível para a própria sobrevivência da nossa espécie, o que nos remete a questões mais fundamentais.

Não exagero. Ao longo da história, essa espécie tão frágil, que somos nós, que não voa, que não é especialmente ágil e veloz, que não vive em buracos, que não enxerga no escuro, que não é muito forte, essa espécie aprendeu a se proteger dos perigos externos - o frio, o calor, os predadores, a necessidade de encontrar alimentos - , que praticamente não a ameaçam mais.

Para fazer isso, desenvolveu sua racionalidade técnica. Cada um de nós, colocado na frente de um urso ou um leão, não vale nada. Como portadores de uma técnica adequada, os derrotamos sem dificuldade.

parecerá ser
ada de civilizada
sociedade que
a educação como
direito subjetivo das
pessoas, como uma
tarefa voltada para
abrir seus horizontes
para os jovens, como um fim
e não como um
meio para
envolver as pessoas às
realidades de um
mundo cada vez mais

O espetacular
envolvimento da técnica permitiu
nos protegêsssemos de todos os
perigos. Ou melhor, quase todos.
que uma espécie - e só uma -
que ameaçando seriamente a
sua existência. É a própria
espécie humana. O risco que
nos ameaçamos no mundo contemporâneo
é o de sermos destruídos por
forças externas. É sermos
destruídos por nós mesmos, pela
nossa incapacidade de viver juntos.



Para enfrentarmos esse risco,
a racionalidade técnica não vale de
nada. Ao contrário, freqüentemente
ela se volta contra nós. A bomba
atômica e os fuzis AR-15 são filhos
dela.

Uma sociedade que enfatiza
excessivamente a técnica e perde a
capacidade de dialogar - ou seja, de
estabelecer valores comuns,
acordos, pactos, fins compartilhados
e legítimos - é uma sociedade que
se destruirá.

Hoje, dependemos muito menos da racionalidade técnica, já bastante desenvolvida, e muito mais de fortalecer nossa minguante capacidade de estabelecer regras e normas de uma convivência civilizada. Eis o papel insubstituível da educação e dos educadores.

No mundo contemporâneo, os sistemas educacionais são um dos últimos espaços que restam, que podem ser espaços essencialmente comunicativos. Voltados para trabalhar valores e fins, para valorizar a comunicação dialógica e a própria linguagem centrada na palavra, a linguagem humana por excelência. Espaços em que as interações humanas continuam a existir sem que estejam dominadas pela unidirecionalidade e a velocidade, em que se formam grupos, em que se trabalha em

escala controlável pela comunidade em que se valoriza a memória, que são componentes essenciais de qualquer projeto civilizatório.

Se desejamos desenvolvimento, usemos a economia e a técnica, mas olhando para as pessoas. Elas são o centro de qualquer projeto sustentável. Os educadores é que sabem disso. Por isso, mais importante do que os economistas falarem para educadores, é que os educadores comecem a falar para economistas.

Só merecerá ser chamada de civilizada uma sociedade que trate a educação como um direito subjetivo das pessoas, como uma prática voltada para alargar seus horizontes humanos, como um fim em si. E não como um instrumento para adequar as pessoas às necessidades de um mercado cada vez mais enlouquecido, porque dominado pelo fetiche das coisas.

*Autor de *A Opção Brasileira* (Editora Contraponto, 1998) e integrante da coordenação nacional do Movimento Consulta Popular.

"Por que Deus permite que isso aconteça?"

A filha do pastor Billy Graham estava sendo entrevistada no Early Show e Jane Clayson perguntou a ela: "Como é que Deus teria permitido algo horroroso assim acontecer no dia 11 de setembro? Anne Graham deu uma resposta extremamente profunda e sábia. Ela disse: "Eu creio que Deus ficou profundamente triste com o que aconteceu, tanto quanto nós. Por muitos anos nós temos dito para Deus não interferir em nossas escolhas, sair do nosso governo e sair de nossas vidas. Sendo um cavalheiro como Deus é, eu creio que Ele calmamente nos deixou. Como poderemos esperar que Deus nos dê a Sua bênção e Sua proteção se nós exigimos que Ele não se envolva mais conosco?"

fundamentalismo e intolerância

Leonardo Boff*

se se fala muito de fundamentalismo, fundamentalismo do mercado e projeto neoliberal, fundamentalismo cristão, fundamentalismo islâmico, principal responsável pelos atentados de 11 de setembro, fundamentalismo das posturas políticas e bélicas do Presidente Bush.

Tentemos esclarecer ao leitor que seja fundamentalismo o que representa para a pacífica convivência humana e para o futuro da humanidade.

O nicho do fundamentalismo encontra no protestantismo americano, surgido nos meados do século 19 e formalizado, posteriormente, numa pequena coleção de livros que vinha sob o título *Fundamentals: a Testimony of the Truth* (1909-1915). Aponta-se de uma tendência de fiéis, pregadores e teólogos que tomavam as palavras da Bíblia ao pé da letra (fundamento de tudo para a fé protestante é a Bíblia). Se Deus consignou sua revelação no Livro Sagrado, então tudo, cada palavra e cada sentença, devem ser

verdadeiras e imutáveis. Em nome do literalismo, esses fiéis opunham-se às interpretações da assim chamada teologia liberal. Esta usava e usa os métodos histórico-criticos e hermenêuticos para interpretar textos escritos há 2-3 mil anos. Supõe-se que a história e as palavras não ficaram congeladas. Precisam ser interpretadas para resgatar-lhes o sentido original. Esse procedimento para os fundamentalistas é ofensivo a Deus. Por razões semelhantes, eles se opõem aos conhecimentos contemporâneos da história, das ciências, da geografia e especialmente da biologia que possam questionar a verdade bíblica.

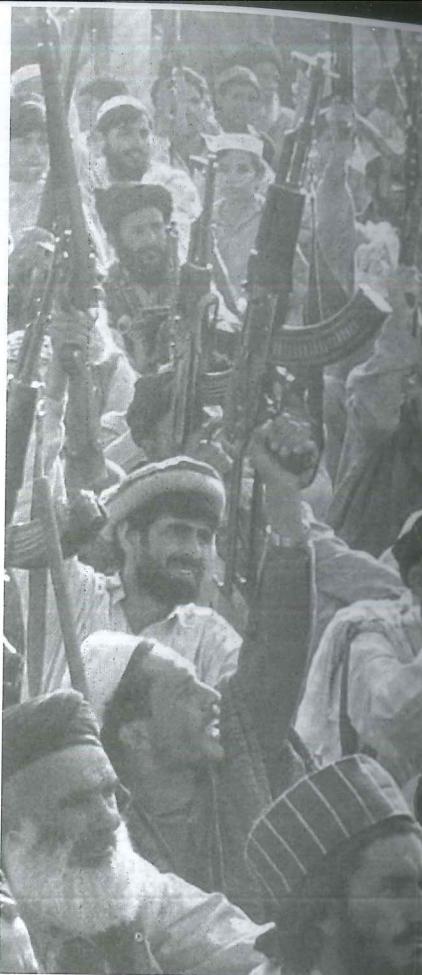
Para o fundamentalista, a criação se realizou mesmo em sete dias. O cristianismo detém o monopólio da verdade revelada. Jesus é o único caminho para a salvação. Fora dele há somente perdição. Daí o caráter militante e missionário de todo fundamentalista. Face aos demais caminhos espirituais ele é intolerante, pois eles significam simplesmente errância. Na moral é especialmente rigoroso, particularmente no que concerne à sexualidade e à família. É contra os homossexuais, o movimento feminista e os

movimentos libertários em geral. Na economia é conservador e na política sempre exalta a ordem e a segurança a qualquer custo.

O fundamentalismo protestante ganhou relevância social a partir dos anos 50 com as Electronic Churches. Pregadores nacionalmente famosos usam o rádio e a televisão em cadeia para suas pregações e campanhas conservadoras. Sob Ronald Reagan, significaram um fator político determinante. Combatem abertamente o Conselho Mundial de Igrejas em Genebra (que reúne mais de duas centenas de denominações cristãs) e todo tipo de ecumenismo, tidos como coisa do diabo.

O catolicismo possui também seu tipo de fundamentalismo. Ele vem sob o nome de Restauração e Integrismo. Procura-se restaurar a antiga ordem, fundada no casamento (incestuoso) do poder político com o poder clerical. Visa-se a uma integração de todos os elementos da sociedade e da história sob a hegemonia do espiritual representado, interpretado e proposto pela Igreja Católica (seu corpo hierárquico encabeçado pelo Papa). O inimigo a combater é a modernidade, com suas liberdades e seu processo de secularização.

Expressões do Integrismo é modernamente o Cardeal Josef Ratzinger, presidente da antiga Inquisição, que sustenta ainda a tese de que a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo, também a única religião verdadeira, fora da qual todos correm risco de perdição. Ou o arcebispo Marcel Lefebvre, que fundou sua Igreja paralela,



considerada a fiel detentora da Tradição e da fé verdadeiras. Características fundamentalistas se encontram também em setores importantes do pentecostalismo, também católico e nas igrejas evangélicas populares.

Intolerância

Não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista. Sendo assim,

imediatamente surge um problema graves consequências: quem se é portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro e o desprezo, a hostilidade e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido determinado. Irrompem guerras gosas, violentíssimas, com mortais vítimas.

Não há nenhuma religião que guerra que a tradição dos pais de Abraão: judeus, cristãos e muçulmanos. Cada qual vive da crença tribalista de ser povo eleito e portador exclusivo da bênção do Deus único e todopoderoso. Essa fé deve ser dividida em todo o mundo, em especial numa articulação com o poder colonialista e imperial, como

QUEIMADURA

Solução era caseira: clara de ovo! Como voluntária de um clube de serviço, fiz um curso de "Agente de Saúde Comunitária" e lá também sinaram que, na hora da queimadura, seja lá a extensão que for, a primeira providência era colocar a parte afetada debaixo de água fria durante até que o calor diminuisse e parasse de queimar muitas camadas de pele, e depois passar clara de ovo (levemente batida, só para que ela seja mais fácil de manusear).

Para melhor transmitir a nossa fé aos nossos filhos

Descomplicando a fé

Helio Amorim

Editora Paulus 128 páginas - R\$ 10,00. **Pedidos à Livraria do MFC**

R. Barão de Santa Helena, 68 - CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG

Tel. (032) 3214-2952 - e-mail: nulysses@artnet.com.br

À venda também nas LIVRARIAS PAULUS da sua cidade

historicamente ocorreu na América Latina, África e Ásia.

O fundamentalismo, como atitude e tendência, se encontra em setores de todas as religiões e caminhos espirituais. Hoje em dia, o fundamentalismo judeu se centra na construção do Estado de Israel segundo o tamanho que lhe atribui a Bíblia hebraica. O fundamentalismo islâmico quer fazer do Alcorão a única forma de vida, de moral, de política e de organização do Estado entre os islâmicos e em todo o mundo. Todos os que se opõem a essa visão de mundo são obstáculos à instauração "da cidade de Deus" e consequentemente são infiéis e merecem ser perseguidos e eventualmente eliminados.

*Teólogo, escritor, professor

JUVENTUDE E CULTURA NEOLIBERAL

Frei Betto*

A cultura neoliberal teme o idealismo dos jovens. Todos os grandes revolucionários da história tinham menos de 30 anos de idade ao ousarem consagrar suas vidas a transformar sonhos em realidade. São três os recursos utilizados pelo neoliberalismo para neutralizar as motivações utópicas da juventude.

Primeiro, a desistorização do tempo. Extirpar o caráter histórico do tempo, herdado dos hebreus e tão presente na mensagem de três judeus paradigmáticos à nossa cultura: Jesus, Marx e Freud.

Sem o varal da história, o tempo transforma-se num movimento cíclico. A historicidade cede lugar à simultaneidade. O

compromisso ao ficar. O projeto ao prazer imediato. Assim, perde-se a dimensão biográfica da vida, agora reduzida à esfera biológica.

O antídoto para este atentado à cultura é a participação política: no grêmio ou no diretório estudantil; nos movimentos sociais ou partidários; na luta por direitos humanos ou pela defesa do meio ambiente. Toda escola deveria ser um centro de formação política, sem partidarismo, mas tendo clareza de formar cidadãos e não consumidores.

O segundo recurso neoliberal é a redução da cultura ao mero entretenimento. Nada de programas televisivos que despertem a consciência ou imprimam densidade ao espírito. Valem o apelo sensitivo, o jogo de imagens, o voyeurismo, a pornografia e a violência. Nada de fazer pensar e, muito menos, ter senso crítico.

Neste caso, o antídoto é a própria cultura. Acostumar crianças a lerem livros e jovens a debaterem temas da conjuntura nacional e internacional.

Educar o olhar em cineclubes e sessões de vídeos, em que filmes, capítulos de novelas e clipes

publicitários são analisados críticamente.

O terceiro recurso neoliberal é o consumo como sinal de valor humano. Em si, a pessoa nada vale. Mas revestida de uma mercadoria valiosa, como carro portado, mansão e grifes, passa a valor. Ou seja, é a mercadoria que imprime valor às pessoas e não o contrário.

Neste caso, o antídoto é apiritualidade. Quem abre-se ao

transcendente, faz a experiência de Deus, entusiasma-se no serviço ao próximo, já não busca fora de si a felicidade saboreada em seu espírito.

Prefere a solidariedade à competitividade. Vive o amor, não como dever, mas como o prazer de ser feliz por fazer os outros felizes.

*Dominicano, autor do romance "O Vencedor" (Ática), entre outros livros.

Como jovens, temos uma posição diante desses três recursos do sistema econômico para nos cooptar para seus propósitos?
Há um interesse especial sobre os jovens num modelo consumista? O que percebemos como válido e como pernicioso nesse envolvimento? O que aproveitar, o que rejeitar? É possível "remar contra a maré"? Explicar. Há movimentos de jovens na nossa cidade para discussão de temas como este? Participamos? Como?

Qual desses quatro leitores é o mais inteligente?



Faça como ele: leia, assine e dê de presente

fato
e razão

Evoluimos de escravos para viciados em trabalho...

Como é linda a vida urbana...

Alex Gasparini*

Devido ao serviço que presto - sou um prestador de serviços, e não um funcionário de uma grande multinacional americana - tenho me relacionado com um outro prestador de serviços, de outra empresa, que também trabalha sob contrato de terceirização, para a mesma grande empresa já referida (deu pâra entender?).

Em conversas dentro do carro, a caminho de visitar fornecedores, também começamos a verdadeiramente nos conhecer.

Ele tem 40 anos. Eu também. Tive a oportunidade de fazer uma faculdade. Ele não. Sou filho único e sempre morei na cidade. Ele é o caçula de 11 filhos vivos que seus pais colocaram neste mundo. Ele nasceu no interior e seu pai foi um sitiante.

Eu assumi o casamento com uma viúva e assim adotei 3 filhos. Ele assumiu o casamento com uma mulher saída de uma separação, assumindo o filho dela e ambos vieram a ter mais um filho.

Ele é muito calmo e eu sou muito estressado. Ele tem por princípio que os filhos devem escutar os pais, sem discutir, e recomenda que apliquem em suas vidas aquilo que considerarem útil, dos seus conselhos.

Eu, pelo meu modo de ser, assumo qualquer discussão com meus filhos e sempre conto para eles minhas experiências de grande fracasso ou grande sucesso, esperando que estes exemplos lhes sejam úteis.

Ele chama os filhos para uma boa conversa amiga.

Eu também faço isto, mas creio que a conversa dura que tenho com eles, não lhes agrade. E assim, também lhes escrevo cartinhas, ou tomo ações corretivas que talvez se assemelhem àquelas que meu avô tomava com o meu pai (outro dia pensei em retirar a porta do quarto da minha filha, porque ela a bateu com força, num ato de descontrole).

Percebiam que justamente porque tivemos vidas muito diferentes, somos bem diferentes, e

aí é que a troca de opiniões nos tem atraído cada vez mais. É

impressionante como duas pessoas que se abrem uma para a outra, podem gerar um riquíssimo diálogo. Face ao jeito de ser e agir do outro, reavaliámos o nosso.

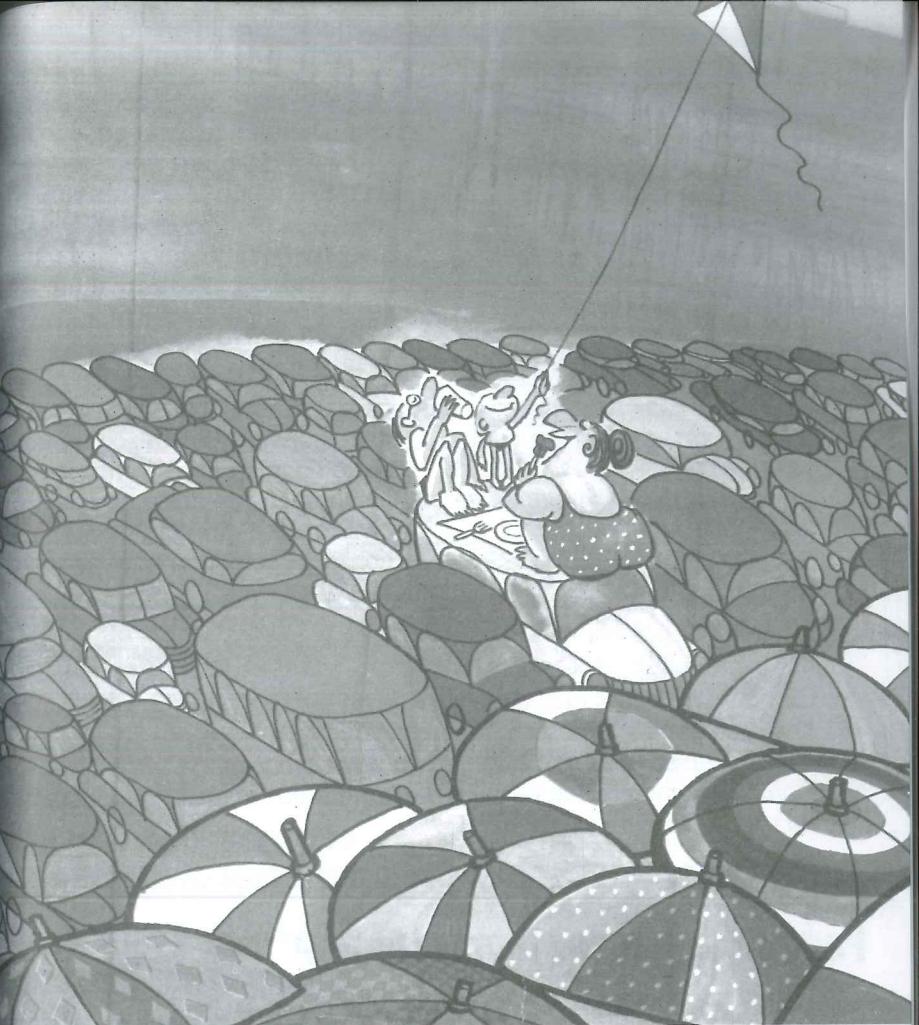
Outro dia contei-lhe sobre minha convicção do plano de Deus.

Ele aceitou de bate-pronto, pois os seus pais não encontraram a mesma dificuldade que hoje ele

tem para criar dois filhos, ao terem ariado onze.

No meu caso, afirmei-lhe o quanto é ruim ser um filho único, pois demorou demais para que eu me preparasse para enfrentar a competitividade do mundo. Por outro lado, tornei-me uma pessoa egoísta e um tanto quanto arrogante.

Agora vem um desabafo, que este meu novo amigo será o primeiro a ler:



- Estamos nos espremendo dentro de prédios ou cubículos de favela.
- Estamos nos violentando no trânsito e nas filas.
- Estamos em busca de religião, mas perdemos o critério ao procurá-las.
- Estamos em dúvida se o que nossos pais nos ensinaram ainda se aplica.

- Estamos lutando para sobreviver e não estamos vivendo.
- Estamos atrás do dinheiro, e por isto nos vendemos.
- Estamos artificializando tudo, procurando o lazer por meio de aparelhos eletrônicos, enquanto o sol brilha lá fora.
- Estamos morrendo mais de câncer, infarto ou derrame.
- Estamos cada vez mais competindo um com um outro. Dentro das empresas o jogo de forças é terrível. Evoluímos de escravos para viciados em trabalho.

- ❖ Como avaliamos a qualidade de vida na nossa cidade?
- ❖ Quais os aspectos positivos e negativos?
- ❖ O que precisa mudar? Quais os problemas mais graves?
- ❖ Como podemos colaborar para melhorar a qualidade de vida para todos na nossa cidade?

Por que os bancos lucram tanto?

Alguém que depositou R\$ 100,00 na Caderneta de Poupança num banco, no dia 1º de julho de 1994 (data de lançamento do real), tem hoje R\$374,00. Se esse mesmo alguém tivesse sacado R\$ 100,00 no Cheque Especial, na mesma data, teria hoje uma dívida de R\$ 139.259,00 no mesmo banco. Ou seja: com R\$ 100,00 do Cheque Especial, você fica devendo 9 carros populares, e com o da Poupança, consegue comprar apenas 4 pneus.

Não é à-toa que o Bradesco teve quase R\$ 2 bilhões de lucro líquido somente no 1º semestre do ano passado, seguido de perto pelo Itaú e outros... Dá para comprar um outro Banco por semestre! E os juros exorbitantes dos cartões de crédito? Cobram 10,40% enquanto a poupança rende 0,79% ao mês. Está explicado o sucesso financeiro dos bancos?

Como esta lista, ao menos se deixarem por minha conta, seria interminável, paro por aqui.

Afirmo que o meu grande sonho, o maior que já tive em minha vida, é assim que for financeiramente possível, vender a casa onde moro, comprar um sítio e lá ir morar. Lá espero morrer.

Mas antes de lá morrer, espero que olhando para a mata, para um espelho d'água ou para as estrelas, eu possa descobrir que fui parte do mundo moderno, que colaborei neste arremedo de civilização e, principalmente, que consegui colaborar para algumas mudanças.

* Coordenador do MFC-SP

Violência e perplexidade

Rudá Ricci*

cíclicas de países em crise econômico-financeira como é o caso da Argentina), somos atingidos por situações de extrema brutalidade sem motivos significativos.

Refiro-me aos assassinatos e ameaças de homicídio que atingiram prefeitos e promotores públicos, além da escalada de seqüestros. Não há quem, de bom senso, consiga entender com clareza a motivação desses atos deploráveis. No caso dos prefeitos, são os gestores mais técnicos e próximos de um receituário tipicamente social-democrata que são atacados.

Acreditar que são seitas ultra-esquerdistas que estariam arquitetando tais ações é puro devaneio, já que o resultado prático seria pífio. No caso do promotor mineiro recém assassinado, trata-se de um ato de violência dos mais irracionais que presenciamos nos últimos anos.

Quem poderia imaginar que um proprietário de uma rede de postos de gasolina poderia ter o arrojo de pilotar uma moto, carregando um policial para cometer um covarde assassinato à luz do dia, em frente um tribunal de justiça?

Na tradição freudiana, a agressividade é uma pressão sadia e natural sobre o ser humano.

A agressividade significa "movimento para a frente" (latim *ad + gradior*), uma ação humana, não necessariamente destrutiva. A violência, pelo contrário, seria uma biologia, o pólo destrutivo da agressividade humana.

O que surpreende nos últimos anos é a confirmação que o século XX marca a cristalização de hábitos e costumes em nossa sociedade. Se bastassem as inúmeras guerras entre palestinos e judeus; entre países muçulmanas e países cristãos; entre hindus e muçulmanos da Caxemira e as nações sociais cada vez mais conflituantes em todo o mundo (como os conflitos globalizados entre países do Fórum Social Mundial e os de Davos ou as crises

Ingressamos numa era de violência ou banalização da violência. Não por outro motivo, o sociólogo francês, Alain Touraine publicou recentemente um livro cujo título é "Poderemos Viver Juntos?".

Acredito, por tudo que estamos vivenciando recentemente, que é hora da sociedade brasileira envolver-se abertamente com o tema da segurança pública. Alguns temas parecem essenciais na pauta de discussão. Vou citar três deles.

1

O primeiro refere-se à estrutura policial. Manteremos a atual estrutura pluralista (com várias polícias que se chocam cotidianamente) ou adotaremos um modelo "monista", centralizado? O sistema centralizado é utilizado no Japão, em Israel, na Hungria, Dinamarca, Irlanda, Grécia, Suécia e Noruega, entre outros. São territórios diminutos. A França acredita que tal modelo é propício à corrupção. França, Itália, Canadá e EUA adotam um modelo pluralista. A Bélgica chega ao extremo de institucionalizar mais de 2 mil corpos policiais municipais distintos, uma polícia judiciária e a Gendarmeria belga.

2

Quais mecanismos de controle social criaremos para evitarmos os crescentes casos de corrupção policial? A descentralização do sistema policial e proximidade com a população não vem gerando bons frutos no mundo. Por outro lado, o centralismo italiano e grego não garantiram sua probidade. Para evitar a politização



za Martins enviou para vários amigos uma mensagem em que uma comparação entre os festejos do Dia de Reis e os festejos de Natal. Aquele era justamente o de Reis e o pesquisador social renome internacional lembrava a festa popular, vinda dos países ibéricos para o Brasil era cada pela distribuição de bolas e feitos em cada residência a ofertar aos vizinhos, tal como os Reis Magos teriam feito um dia.

O contraponto, dizia, eram as festas de Natal, marcadas por um giro de compras e distribuição necessária de presentes enfeitados. Dizia que a festa

popular era mais sincera que a festa de Natal, porque ofertava aquilo que tinha sido feito com as próprias mãos.

Percebi o que o professor queria dizer. Ele pressentia uma mudança de comportamento no novo século: mais individualista, mais instrumental, mais racional. Um passo para a transformação da agressividade em violência.

* Sociólogo, Professor da PUC-Minas, Diretor da CPP (Consultoria em Políticas Públicas) e Consultor da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. Web Site: [www.politicasppublicas.com.br](http://www.politicaspublicas.com.br) Espaço Acadêmico - Ano I - Número 10 - Março de 2002

OMEADO COM LOUVOR"

e foi o título da reportagem do Correio Braziliense do dia 22/12/01 a respeito da seguinte situação: O filho do presidente do TJDF, aquele menininho que pôs fogo no índio pataxó, fez concurso público para o cargo de segurança (12 vagas disponíveis; salário de R\$1.300,00; nível médio 2º grau) e ficou em 65º lugar. Depois do resultado do concurso, o número de vagas aumentou para 70! Após 12 dias no cargo, ele foi demovido a dentista do TJDF para ganhar R\$6.600,00. O presidente do TJDF, ainda teve a desfaçatez de afirmar na entrevista: "Não houve ato de nenhum."

umas questões que se colocam: o moço é tão bom assim, por que não fez concurso para o cargo de dentista?

que aumentar o número de vagas exatamente para 70? Poderia ter mantido para 66, que o rapaz entraria...

mo estão se sentindo as outras pessoas que foram mais bem colocadas que o jovem agressor do índio no concurso? Será que, algum dia na vida, essas pessoas vão ganhar R\$6.600,00? E os outros profissionais que já estão trabalhando há mais tempo no TJDF?

preciso denunciar como o coronelismo e o paternalismo ainda existem de forma intensa no serviço público brasileiro. Tomara que esta denúncia chegue ao juiz presidente ou a algum promotor de Justiça para impedir essa maria...

da polícia, o Japão adotou um sistema centralizado que é administrado por um colegiado independente dos governos. As possibilidades, mais uma vez, são múltiplas.

3

Quais políticas de prevenção adotaremos para os próximos anos? O modelo internacional mais citado é o Koban japonês, onde cada policial acompanha 150 lares. A PM mineira está adotando o modelo inglês de polícia comunitária (Community Policing) onde são criados fóruns periódicos entre habitantes e policiais.

A pauta de discussões emergenciais é extensa. Mas é necessário que seja tornada pública e divulgada urgentemente.

Tomei consciência dessa urgência quando, em janeiro de 2002, o professor da USP José de

A crise brasileira é econômica, social, política e cultural Nossos bens culturais

Emir Sader

A crise brasileira é econômica, porque os recursos existem, inclusive a força de trabalho, assim como as necessidades, mas falta o essencial para grande parte da população. O que significa que é a forma de organização da economia - em função do lucro e não das necessidades das pessoas - que está errada e provoca as sucessivas crises da economia brasileira.

A crise brasileira é também social, porque uma pequena minoria se apropria da maior parte da riqueza existente, relegando a maioria a um nível de vida precário, à fome e à miséria.

A crise brasileira é política, porque a elite que exerce o poder o faz para perpetuar a dominação da maioria pela minoria.

Mas a crise brasileira é também cultural, não apenas porque os grandes meios de produção de cultura são apropriados pela mesma minoria que detém grande parte da riqueza e se vale do poder para se perpetuar como classe dominante, mas também

porque o conjunto dessas crises expropria os brasileiros da capacidade de se pensar a si mesmos, de raciocinar como povo e como país.

A cultura serve, entre outras coisas, para que as pessoas possam pensar o significado das coisas. Quem produz cultura impõe o significado que deseja aos fenômenos, às coisas, às próprias pessoas.

O capitalismo deseja que os bens culturais sejam mercadorias como as outras, que possam ser comprados e vendidos e que os que têm mais riqueza assim possam ser os senhores do significado das coisas. Por exemplo, podem fazer crer que as pessoas valem o que o "mercado" diz que elas valem e que os salários ou os lucros que cada um recebe representaria "o valor" de cada pessoa.

Assim, quando uma pessoa está desempregada, a sociedade lhe estaria dizendo que ela "não vale nada", já que ninguém se disporia a pagar nada por ela.

Mas os bens culturais não são mercadorias como as outras. São eles que permitem que uma pessoa se pense como ser humano, que um país possa refletir sobre o significado de sua história, que o

do possa refletir sobre o sentido mundo e da vida das pessoas.

A crise brasileira é cultural, que as identidades, os significados que querem nos impor o "mercado" - não explicam o valor da vida humana, o valor dos povos, o valor da solidariedade, o valor do país, o valor da sociedade, o valor da música, da literatura, da arte. Só nos dão os preços, dizendo que eles definem o valor de cada coisa.

No entanto, a cultura de um país é o bem que pode permitir que as pessoas pensem o significado do que fazem, das relações entre os povos humanos, a trajetória histórica que constrói um país e uma nação.

São portanto bens inencontráveis, que dinheiro nenhum pode comprar. Por isso faz parte da luta democrática e popular,

por uma sociedade justa e humanista, apropriar-nos do direito de escrever e publicar o resultado da reflexão sobre a nossa vida, sobre a nossa história.

Para isso precisamos proteger nossa cultura como um dos bens fundamentais que dão sentido à nossa vida, a nós como seres humanos, a nós como povo, como país e como participantes da humanidade.

* Emir Sader é sociólogo



"O mundo não alcançará a paz se as religiões não colaborarem. Por motivos históricos, as religiões não entrarão neste caminho se as Igrejas cristãs não avançarem na busca da unidade". Hans Küng

O QUE O MUNDO TEM A VER COM

A união das Igrejas

Marcelo Barros

Esta reflexão, proposta pelo teólogo suíço Hans Küng, hoje é convicção de muita gente, em diversas religiões e igrejas. O ecumenismo não é um assunto apenas interno das Igrejas. Interessa a todo mundo que busca a paz mundial.

Desde a década de 60, a busca da unidade entre as igrejas e o diálogo entre as religiões tem sido preocupação constante do ministério dos papas. João XXIII escreveu uma carta sobre este tema, e criou em Roma um Secretariado para a Unidade. A fim de melhor preparar a Igreja Católica à unidade, convocou todos os bispos católicos do mundo e convidou representantes de outras igrejas para participar. Paulo VI ajoelhou-se em meio à sala do Concílio e, publicamente, pediu perdão aos irmãos de outras igrejas pela parte de culpa que a Igreja

Católica tem na divisão. João Paulo II continuou este exame de consciência. Em todas as suas viagens, tem falado deste assunto. As recentes fotos mostram o papa (acabrunhado pela idade e pela doença) como o primeiro líder católico a orar na mesquita de Damasco, junto com os irmãos muçulmanos. Há dois anos, um representante seu assinou com autoridades luteranas um acordo que punha fim a uma divisão de 500 anos sobre a justificação.

O atual movimento pela unidade das Igrejas não é iniciativa católica. Nasceu em 1910, no seio das Igrejas protestantes. A Igreja Católica não concordou. Só em 1964, em meio ao Concílio Vaticano II, publicou um documento no qual diz:

"A divisão é contrária à vontade de Cristo, é um escândalo para o mundo ao qual os cristãos pregam amor e, assim sendo, é um obstáculo ao cumprimento da missão".

Até hoje, a Igreja Católica não participa oficialmente do Conselho Mundial de Igrejas que, desde 1948, reúne confissões evangélicas e

ortodoxas, congregando, hoje, 340 igrejas.

A união desejada entre as igrejas respeita a autonomia de uma e a diversidade de ritos e tradições. Visa à unidade de espírito e diversidade e não a uniformidade das estruturas eclesiásticas. Esta unidade é dom de Deus. O primeiro passo para alcançá-la é a oração. Igreja Católica e em Igrejas evangélicas, há mais de cem anos, é o costume de dedicar os dias de Pentecostes a uma noite de Oração pela Unidade das Igrejas. Um pioneiro desta iniciativa, o padre Paul Couturier, nos anos 30, recomendava a orar "pela unidade que Deus quiser, quando e do modo que Deus quiser".

No Brasil, cada ano, oito mil igrejas diferentes vivem esta ritualidade e meditam na oração de Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". Além disso, Jesus não negou o direito das outras religiões e crenças espirituais. Ele elogiou a fé dos samaritanos, curou o filho do soldado romano e a filha de uma mulher cananéia. Para os cristãos, a unidade é um paradigma universal. Por isso, reconhecemos estar em presença do caminho, verdade e

vida de Deus, em qualquer igreja, religião ou cultura, na qual a pessoa se entrega à realidade última e se dedica à causa da justiça, da paz, da fraternidade e da solidariedade. Numa palavra: à causa da vida.

Que em cada ano, a semana da unidade ajude os cristãos a descobrir em Jesus o caminho que nos leva aos outros e nos faz contemplar a presença de Deus no mundo. Isso levará as Igrejas e religiões a se engajarem mais na humanização da sociedade.

Poderíamos dizer da unidade o que uma história judaica diz da redenção: Um dia, Yehouda Amicai sentou-se com dois pãezinhos no jardim perto da porta da Cidadela em Jerusalém. Um guia disse ao povo: "Vêem aquele homem sentado com dois pãezinhos? Ao seu lado, há um arco da época romana". Amicai escreve: "A redenção será proclamada somente quando os guias disserem: "Vêem aquele arco da época romana. Não é importante. Mas, ali perto do arco, há um homem que comprou fruta e verdura para a sua família".

**Monge beneditino e autor de 24 livros, dos quais o último é "A Festa do Pastor", romance sobre o Pentecostalismo.*

Religiões no mundo

Cristãos (*) - 1,93 bilhões
Islâmicos - 1,47 bilhões
Hinduístas - 748 milhões
Budistas - 353 milhões
Tribais - 232 milhões
Judeus - 15 milhões
Confucionistas - 6 milhões.

(*) católicos, protestantes, anglicanos, ortodoxos e demais denominações cristãs.

VOÇÊ SABIA?

A lógica do poder

Frei Betto*

A lógica analítica predomina nos EUA. Percebe folhas e galhos, mas não a árvore e, muito menos, a floresta. Ao contrário da lógica dialética, ela encara o texto fora do contexto e rege, por exemplo, as políticas monetaristas do FMI, insensíveis aos problemas sociais.

Por isso, não surpreende que a lógica analítica acredite que John Kennedy foi assassinado pela loucura de Lee Oswald; as 168 vítimas da explosão de um prédio em Oklahoma, mortas pelo terrorista de McVeigh; e os atentados de 11 de setembro fruto da mente ensandecida do Osama bin Laden.

A lógica analítica é tão contraditória quanto a chuva de bombas e alimentos que desabam sobre o Afeganistão. Petardos e pães; morte e vida. Desde as tentações de Jesus no deserto da Judéia, nas proximidades de Jericó, Deus e o diabo não andavam tão próximos.

Nos dois primeiros dias de guerra, os EUA gastaram US\$ 22 bilhões em munições. O que equivale ao PIB do Afeganistão. Um míssil Tomahawk custa US\$ 1 milhão. Para os jovens soldados, que atiram como confetes o que

vale muito mais do que haverão de acumular em todos os anos de trabalho, a morte possui cotação superior à da vida. E o inimigo é virtual, já que não vêem vítimas e alvos atingidos.

No Ocidente, poucos viram fotos e os vídeos retratando a morte de 150 mil iraquianos atingidos pelos mísseis de 1991. Do ponto de vista psicológico, a síndrome da guerra asséptica induz ex-combatentes a descarregarem seus fuzis na lanchonete da esquina, numa compensação paranóica de quem, enfim, se depara com corpos e sangue!

Do colonialismo renascentista à Guerra Fria, a geopolítica das nações metropolitanas raciocinava em termos de conquistas territoriais. No século XVI, a Península Ibérica apropriou-se das terras descobertas por Colombo e Cabral. No século XIX, os EUA anexaram a sua metade do México e todo Porto Rico. No século XX, a Rússia enfeixou, na União Soviética, dezenas de países, e o nazifascismo subjugou todo o continente europeu, das fronteiras da Inglaterra às da Rússia, com exceção da Suíça.

Agora, a globocolonização já raciocina em termos de expansão territorial, mas de controle global através da tecnologia virtual. A geopolítica sucede a geopolítica, o que importa mais a sujeição de corações e mentes que a anexação de áreas físicas. Os EUA não solicitam à ONU licença para atacar outros países que, supostamente, originam terroristas. Apenas comunicam que o fará, relegando a NNU à categoria de um clube de

A Casa Branca é, hoje, o governo do mundo. Suas decisões dependem de leis e aprovações formais. O direito internacional produz-se à lei do talião que, como constava num cartaz pacifista exibido esses dias pela TV, na guerra de olho por olho todos acabam cegos.

Os terroristas de 11 de setembro entregaram a Tio Sam, com seus vôos camicases, as asas que o império americano precisava para submeter todo o planeta à sua soberana vontade. Quem acredita que a Corte Internacional de Haia averá de punir eventuais crimes de guerra cometidos pelos EUA no Afeganistão? Ficarão impunes como Robert Hayes, agente terrorista da

Racismo

Num vôo da British Airways um passageiro chamou a comissária e reclamou. "Quero ficar de lado de um negro". A comissária disse-lhe que o vôo estava lotado e não era possível atender pedidos de mudança de lugar. O homem insistiu. "É insuportável! Me arranje outro lugar". Ela foi ao comandante e oltou com a solução: "Há um lugar na primeira classe". E convidou o negro para acompanhá-la. No caminho lhe disse: "O comandante não podia deixar o senhor viajando ao lado de um passageiro insuportável". (Adaptado do Boletim "Fato e Fim" - MFC Ouro Branco, MG).

CIA no Brasil, que em 1976 recebeu instruções para colocar bombas em três alvos paulistanos, de modo a culpar as organizações de esquerda: um teatro, a catedral da Sé e o consulado americano. Essa mesma lógica do terror de Estado fez explodir bombas, no Rio, na Editora Civilização Brasileira, na OAB e no Riocentro. Tudo em nome da democracia e da liberdade. Graças ao heroísmo do capitão Sérgio Macaco, do Pará, o Gasômetro não foi pelos ares.

Como se explica que, com tanta disposição e recursos para combater o terrorismo, a Máfia e o narcotráfico continuem a atuar nos EUA, a ponto de roubarem sucata dos escombros do WTC? A lógica analítica parece não se dar conta de que a globalização da violência só será vencida pela globalização da solidariedade.

Enquanto a humanidade não estabelecer as premissas básicas de uma macroética, capaz de regular a convivência internacional, facções de seqüestradores e falcões da política continuarão a matar a pomba da paz.

* Escritor, e co-autor de "O Desafio Ético" (Garamond), entre outros livros.

ÍNDICE REMISSIVO

Da 1^a à 50^a Edição

Fácil usá-lo!

Tomemos como exemplo o primeiro verbete **ABORTO**.

Todos os números em negrito correspondem às edições onde o assunto foi abordado, direta ou indiretamente.

Os demais números separados por hífen referem-se às páginas das edições citadas.

Na edição 15 por exemplo, a questão foi abordada às páginas 54 e 55 enquanto na ed. 19 o assunto está da página 34 à página 42.

Quando numa mesma edição o tema estiver em outras páginas – ver o exemplo da ed. 27 – poderão ser consultadas as páginas 4 a 6, assim como nas de número 68 a 72.

Há casos onde o número está em separado. Ver como exemplo o 47 da ed. 42 no verbete **AMOR**. Vale dizer que a página 47 deverá ser também consultada na mesma edição. As pessoas que consultam este índice não deverão ater-se apenas ao verbete onde procuram subsídios e sim cruzar o assunto com outros correlatos.

Que tal cruzar – apenas tomando um exemplo – o verbete **ÉTICA** com **HUMANIZAÇÃO**? Já que o leitor deseja se aprofundar, olhe também o verbete **IDEOLOGIA** ou mesmo tema **NEOLIBERALISMO**. Tentar sempre os cruzamentos de assuntos, porque embora rotulados diferentes eles podem se completar enriquecendo cada vez mais a pesquisa.

Organização e digitação: Célio Fabri

PEDIDOS DE NÚMEROS AVULSOS:
LIVRARIA MFC - Rua Barão de Santa
Helena, 68 Gramberi - Tel. (32) 3214-2952
36010-520 Juiz de Fora - MG

Prezado leitor

Em suas mãos o índice remissivo de FATO E RAZÃO. Pretende-se comemorar com ele a 50^a fornada de nossa querida revista que tanto investe no ler, refletir e comungar questionamentos. Reflexões e por pressuposto, crescimento também. É o mistério da partilha na Igreja de Deus! Alegrando-se com isto o MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO de JUIZ DE FORA prazerosamente está sendo portador de nosso oferecimento para os leitores terem uma opção inicial de pesquisa que pela sua própria natureza será interminável. Afinal o conhecimento, a busca e a percepção de cada um sempre estarão próximos do infinito. Aliás foi esse o pedido de Javé, lá no início do Livro de Gênesis, quando nos chamou à administração e à transformação e não necessariamente proprietários das coisas criadas. Neste momento – sensação mais do que nunca – os mecanismos de alienação, de tão azeitados gostam de rotular o profetismo cristão como “vendedor de exageros” quando lemos, tomamos conhecimento ou mesmo passamos a conhecer e interpretar. Sentir os fatos. Entretanto bem que sabemos: o desconforto daquele rótulo não procede assim como falso é o estranho gosto que nos tentam repassar, aquele sabor de estar na contramão na História. Bem ao contrário, eles gratificam o cristão no prazer de comungar com todos a santa massa boa que vem construindo o Reino de Deus. Tem nada de exagero, não! A verdade é que os mecanismos de alienação morrem de medo da consciência crítica de profetas que todos nós somos, essa força que o Espírito Santo de Deus nos confere pelo Batismo. Bom proveito! Abraçamos todos na Partilha do Senhor.

Amorosamente,

*Itamar e Neide
Igreja que está em Juiz de Fora, Tempo de
Pentecostes – 2002*

ABORTO – 15, 54-55; 19, 34-42; 24, 41-44; 46; 68-72; 29, 36-37; 50-51; 33, 31-33; 39, 41, 58-60; 42, 29-31; 44, 13-15; 45, 30-

ERGIA – 11, 47-49; 23, 7-9.

ABR – 3, 18-24; 5, 4-7; 7, 33-38; 11, 50-51; 16-17; 17, 14-15; 34, 17-19; 38, 8-9; 32-39, 15-18; 32-33; 70-71; 40, 6-7; 41, 22-44-46; 42, 16-19; 47; 43, 12-14; 45, 21; 51, 62-63; 46, 40-42; 52-53; 48, 15-16; 49, 60; 50, 22-23.

ESTERILIDADE – 8, 29-31; 9, 22-23; 10, 36; 36-41; 40, 8-12.

COM COMUM – 2, 44-47; 3, 6; 7, 8-11; 16, 34; 17, 18-20.

BLIA – 16, 40-42; 21, 56-57; 22, 14-18; 23, 64; 25, 75-77; 31, 80; 33, 52-53; 58-61; 72-74; 37, 46-55; 40, 78-79; 41, 20-21; 35; 42, 22-25; 37-41; 43, 53-57; 44, 18-20; 80; 45, 36-37; 54-57; 65-66; 67-68; 70-72; 36-39; 40-42; 60-61; 74-75; 47, 48-49; 68-69; 48, 66-68; 49, 31-34; 82-96; 50, 47-48.

INTICOS – 13, 48-49; 50-52; 53-54.

CELEBRAÇÕES – 11, 3-7; 16-23; 18-25; 24-29-34; 12, 2-7; 13, 4-8; 10-14; 22-26; 28-35-40; 16, 68-71; 18, 57-64; 20, 75-77; 46-47; 32, 62-65; 33, 66-67; 35, 52-57; 70-73.

ELIBATO – 35, 78-80; 46, 54-55; 50, 14-17

DADANIA – 26, 22-26; 46, 48-49; 49, 2-4.

ÊNCIA – 34, 68-72; 45, 38-40.

CLASSE MÉDIA – 20, 16-19; 26, 27-31; 32; 73-79.

COLEGIALIDADE – 16, 40-42.

COMUNICAÇÃO – 21, 34-39; 40-45; 48-49; 78-79; 41, 48-49.

CONSCIÊNCIA CRÍTICA – 14, 10-17; 31, 28-76-78; 32, 39-45; 6-8; 36, 70-75; 37, 2-5; 8; 38-41; 42, 44-46; 76-77; 46, 2-4; 10-11; 17; 34-35; 40-42; 78-79; 49, 2-4; 10-11; 17; 18-20; 24-27; 31-34; 50, 60-61.

CONVERSÃO – 7, 22-25; 9, 54-56; 21, 56-57, 31, 59-61; 36, 66-67; 70-75; 37, 38-41; 47, 54-56; 49, 31-34; 40-41.

CORRUPÇÃO – 33, 45-47; 39, 2-4; 42, 2-5.

CRIANÇA – 5, 2; 6, 6; 33, 16-17; 54-57; 36, 26-29; 37, 14-16; 62-63; 38, 78-80; 39, 58-60; 44, 21-23; 56-58; 45, 4-7; 46-48; 49, 66.

CRISE – 1, 6-7; 26-27; 30; 2, 50-53; 32-35; 11, 40-42; 17, 6-8; 23, 10-13; 31, 31-39; 49, 23-24.

CRÔNICAS – 19, 8; 59-61; 22, 30-31; 40-41; 56-57; 23, 2-3; 7-9; 25, 52-53; 27, 20-21; 39-41; 52-53; 28, 15-17, 14-15; 29, 14-16; 34-35, 44-47; 54-55; 30, 4-5; 70-71; 31, 4-5; 44-45; 75; 79; 80; 32, 9-11; 33, 28-29; 32-33; 34-35; 76-77; 78-80; 34, 5-7; 35, 32-34; 36, 30-31; 37, 9; 17-19; 38, 2-3; 21-23; 29-31; 38-40; 66-73; 39, 8-11; 12-14; 22-23; 66-69; 40, 29-30; 31; 41, 39-40; 47; 48-49; 50-51; 46, 10-11; 12-14; 15; 39; 43; 50-51; 47, 18; 77; 48, 17-19; 24-25; 80; 50, 27; 33; 52, 62-64; 80.

CULTURA – 6, 50-53; 27, 52-53; 30, 45-47; 36, 23-25; 26-29; 78-80; 45, 62-63; 49, 8-9; 50, 60-61; 68-69.

DEMOCRACIA – 5, 46-47; 36, 26-29.

DEMOGRAFIA – 1, 21; 26-27; 30; 33-37; 34; 36-37; 5, 38-39; 52-53; 10, 32-33; 16, 16-20; 21-25; 19, 25-27; 31-33; 58; 23, 65-68; 49, 10-11.

Natalidade – 19, 25-27; 24, 52-57.

DESEMPREGO – 29, 19-21; 31, 16-18; 32, 46-51; 33, 74-75; 41, 41-43; 42, 57-62; 43, 37-38.

DESENVOLVIMENTO – 3, 11; 5, 42; 46-47; 6, 35-40; 7, 30-32.

DIÁLOGO – 1, 40-43; 2, 20-21; 3, 32-33; 5, 36-38; 10, 15-19; 35; 37, 78-79; 42, 44-46.

DINÂMICA DE GRUPO – 47, 65-67; 48, 74-75; 49, 75-77.

DIREITOS HUMANOS – 5, 46-47; 12, 30-47; 21, 50-55; 22, 55; 75-76; 23, 11-12; 26-27; 27, 2-3; 29, 19-21; 31, 16-18; 32, 46-45; 33, 74-75; 35, 7-9; 67-69; 36, 26-29; 32-35; 60-63; 37, 20-23; 30-32; 41, 41-43; 42, 37-62;

Metodologia participativa – 10, 26-28; 14, 42-31; 15, 54-65; 16, 40-42; 16-59; 17, 60-62; 32, 72, 75; 37, 78-79; 44, 46-47.

Missão – 8, 45-77; 35, 49-51.

Nucleação – 9, 32-39; 10, 41-54.

Preparação para o Casamento – 10, 55-63; 11, 52-53.

Promoção da Justiça – 8, 48-50.

Proposta ao Governo – 31, 70-74.

Um certo Movimento... – 22, 68-72; 27, 42-43.

MULHER – 3, 28-31; 42-49; 6, 14-17; 7, 33-38; 12, 48-58; 15, 44-49; 14-15; 25, 26-29; 30-31; 27, 42-43; 28, 52-56; 57-61; 29, 48-49; 33, 52-53; 35, 38-45; 37, 46-55; 41, 47; 42, 5-7, 36-39; 46, 48-49; 46, 36-39; 47, 40-41; 48, 28-29; 49, 13-17; 72-74; 50, 11-13; 34-35.

NATALIDADE – 1, 21; 26-27; 30; 33-37; 34; 36-37; 5, 38-39; 52-53; 10, 32-33; 16, 16-20; 21-25; 19, 25-27; 31-33; 58; 23, 65-68; 49, 13-17; 50, 11-13; 34-35.

NEGRO – 33, 15; 50, 5-7.

NEOLIBERALISMO – 3, 4-5; 10-11; 14-17; 36; 7, 10; 15, 32-40; 16, 2-7; 12-15; 35-37; 17, 24-28; 59; 18, 52-56; 22, 2-6; 21, 14-19; 22, 41, 30-54; 27, 14-16; 30, 28-30; 31-40; 70-71; 31, 68-69; 32, 6-8; 33, 36-38; 39-41; 51; 35, 4-6; 14-16; 60-61; 37, 30-32; 64-65; 38, 4-7; 14-20; 38-40; 48-49; 50-55; 74-77; 39, 28-31; 34-35; 36-40; 40, 2-5; 18-20; 42, 22-25; 44-46; 43, 18-21; 44, 2-5; 26-29; 32-35; 36-41; 45, 8-9; 18-20; 25; 46, 58-59; 62-65; 47, 8-9; 12-13; 32-35; 36-37; 62-64; 77-78; 48, 8-4; 24-25; 30-32; 42-44; 56-57; 49, 42-44; 61-62; 50, 2-4.

Globalização – 34, 8-11; 36, 54-58; 38, 4-7; 14-20, 40, 2-5; 45, 8-9; 46, 62-65.

OPERÁRIO – 3, 14-17; 26; 9, 3-9; 28-30; 16, 35-37; 17, 59.

ORAÇÃO – 19, 28-30; 33, 28-30; 40, 74-75; 41, 68-79; 44, 70-73; 45, 75-76; 46, 60-61; 47, 61; 48; 80; 48, 36-27; 49, 45.

PAI – 29, 38-43; 39, 26-27; 41, 16-19.

PARÁBOLAS – 31, 79; 40, 49; 46, 16-17; 39, 43; 50-51; 48, 39-41; 61-62; 66-68; 76-77; 49, 58; 69; 67-68.

PARALITURGIA – 11, 3-34; 16-23; 18-25; 24-28; 29-34; 12, 2-7; 13, 4-8; 10-14; 22-26;

28-33; 35-40; 16, 68-71; 18, 57-64; 20, 75-77; 31, 46-47; 32, 62-65; 33, 66-67; 35, 52-57; 47, 70-73.

PASTORAL FAMILIAR – 23, 44-49; 29, 31-33; 58-62; 72-93.

PECADO – 19, 64-69.

PEDAGOGIA LIBERTADORA – 14, 42-51; 21, 58-64; 42, 50-53.

PENA DE MORTE – 32, 76-77.

PERDÃO – 48, 24-25.

POEMAS – 39, 25; 40, 21; 42, 9; 43, 29; 44, 16-17; 45, 25; 46, 15; 47, 52; 48, 53.

POLÍTICA – 5, 46-47; 19, 10-14; 15-17; 62-63; 22, 14-18; 23, 31-39; 26, 22-26; 30, 2-3; 33, 62-65; 34, 2-4; 76-79; 36, 2-6; 26-29; 39, 28-31; 64-65; 70-71; 40, 46-48; 59; 41, 2-5; 36-38; 43, 69-72; 45, 58-61; 46, 2-4; 10-11; 16-17; 40-42; 49, 2-4; 12-14; 50, 18-21; 28-29, 72-73.

PROPRIEDADE PRIVADA – 33, 48-51; 34, 40-43.

PROSTITUIÇÃO – 32, 78-79.

REFORMA AGRÁRIA – 33, 48-51; 34, 24-27; 40-43; 39, 74-76; 77; 46, 74-75.

RELIGIOSIDADE POPULAR – 7, 12-14; 35, 70-71; 38, 24-28.

RELIGIÃO – 38, 24-28; 34-37; 39, 70-71; 41, 62-63; 43, 73-77; 45, 54-57; 70-72; 46, 66-67; 72-73; 48, 26-27; 80; 49, 8-9; 18-20; 71-72.

SACRAMENTO – 25, 75-77; 32, 29-38; 58-61; 48, 34-38; 50, 18-21.

SALÁRIO – 3, 26; 9, 3-9; 16, 35-37; 30, 48-49.

SAÚDE – 36, 32-35; 60-63; 43, 58-60; 45, 44-45; 77-78.

SEITAS – 31, 19-23.

SEXUALIDADE – 17, 48-51; 18, 63-64; 34, 12-16; 20-23; 35, 10-12; 36, 38-42; 38, 8-9; 39, 15-18; 32-33; 58-60; 42, 16-19; 44, 13-14; 46, 12-14; 15; 47, 67; 49, 10-11; 13-17.

OCIALIZAÇÃO – 2, 44-47; 48-49; 17, 11-12; 18, 52-56; 49, 10-11; 13-17.

OLIDARIEDADE – 32, 68; 48, 4-5; 17-19; 20, 78-79; 49, 50-51.

UCESSO – 32, 6-8.

ECNOLOGIA – 34, 68-72; 50, 8-10.

EMÁRIOS – 1, 45-64; 2, 57-72; 3, 61-71; 4, 1-71; 7, 61-71; 8, 61-71; 9, 57-71; 10, 65-72; 6, 76-80; 17, 69-80; 18, 80; 19, 72-79; 20, 3-79; 22, 78-80; 23, 76-79; 49, 81-96.

EOLOGIA DA LIBERTAÇÃO – 6, 42-45; 8, 2-34; 31, 6-13; 36, 7-9; 39, 61-63; 41, 64-65; 2, 13-15.

RABALHO – 2, 48-49; 14-17; 26; 5, 4-5; 50-1; 9, 3-9; 28-30; 16, 35-37; 25, 52-53; 27, 1-21; 29, 19-21; 31, 54-55; 33, 7; 37, 26-29; 9, 19-21; 48-50; 42, 2-5; 43, 50-52; 47, 27-3; 58-60; 50, 5-7.

TELEVISÃO – 17, 2-5; 20, 33-36; 32, 54-55; 35, 18-22; 36, 43-47; 37, 60-61; 39, 42-44; 42, 22-25; 66-68; 45, 10-13; 50, 38-39.

UTOPIA – 25, 4-9; 27, 12-13; 28, 5-10; 36, 50-52; 41, 50-51; 52-55; 56-57; 47, 27-28; 58-60.

VALORES – 27, 56-63.

VAMOS CANTAR – 13, 48-49; 49, 50; 52; 53-54.

VIDA – 19, 34-42; 43; 27, 4-6; 29, 36-37; 39, 77; 42, 29-31; 44, 13-15; 45, 30-31; 52-53; 62-63.

VIOLÊNCIA – 5, 8-13; 12, 8-9; 10-12; 19, 8; 34-42; 23, 22-25; 24, 120; 26, 42-43; 27, 54-55; 32, 26-27; 36, 36-37; 39, 64-65; 40, 22-25; 26-28; 38-40; 41, 36-38; 44, 60-62; 45, 52-53; 47, 2-4; 15-17; 44-45; 79-80; 49, 2-4, 12-14; 35-37; 71-72; 50, 40-42; 65-67.

**Seu melhor presente
custa muito pouco**

Dê de presente aos seus filhos, seus melhores amigos, afilhados, professores, alunos... uma assinatura anual (4 números) de

fato
e razão

Eles vão se lembrar de você, com prazer, durante o ano inteiro.

Para cada 5 assinaturas oferecidas, a sexta será gratuita. Basta enviar à Livraria do MFC a lista de nomes e endereços completos.

Junte o cheque nominal cruzado ao MFC.

Livraria do MFC - Rua Barão de Santa Helena, 68 - Granbery
36010-520 Juiz de Fora - MG - Tel. (32) 3214-2952 - nulyses@artnet.com.br

*Preço assinatura anual: R\$ 18,00 - válido em 2002.

"Se non é Vero é ben trovato"

O Hino Nacional

Quando foi proclamada a independência do Uruguai, os libertadores da ex-colônia convocaram o povo para um solene ato cívico no teatro da capital, no dia seguinte.

De repente se lembraram que precisavam de um Hino Nacional. Mas, quem poderia criar um hino da noite para o dia, com partituras para a banda e tudo mais?

Alguém se lembrou que havia um professor de música na cidade, um imigrante italiano que dava aulas de piano em sua casa. Correram ao professor e lhe deram a tarefa. Não podia recusar! Era uma questão de honra para a nova nação.

No dia seguinte o hino estava pronto, as partituras distribuídas às pressas para um ensaio da banda militar. Sucesso absoluto. O professor foi cumprimentado e o número de alunos cresceu.

Alguns anos mais tarde uma companhia de óperas italiana, em turnê pelas Américas, chegou ao Uruguai. Anunciado o espetáculo, o teatro ficou lotado.

Tudo pronto, a orquestra começou a tocar a abertura da ópera de Rossini anunciada no programa.

Aos primeiros acordes, o povo todo se levantou, a mão no peito, em atitude respeitosa e solene. Era o hino...

Fábricas e Palácios

Muitos brasileiros conhecem a antiga Casa da Moeda, no Campo de Santana, centro do Rio de Janeiro. Ali funcionou até a década de 60 a fábrica de moedas do país.

Chama-se o belo prédio de Palácio dos Leões. De fato, dois enormes leões de bronze ali estão, ladeando uma larga e imponente escadaria de mármore. Enormes colunas e capitéis de estilo grecorromano formam a fachada impressionante do Palácio que, na verdade, era apenas uma fábrica de moedas.

Muitos conhecem, no Chile, o Palácio onde está instalada a Presidência da República, em sua capital, Santiago. Ali foi assassinado o Presidente Salvador Allende, no golpe militar comandado por Pinochet.

O austero prédio se chama Palacio de la Moneda (Palácio da Moeda), ninguém sabe por quê. Suas linhas simples lembram mais uma construção industrial do que um palácio presidencial. Parece uma fábrica, quem sabe, de moedas...

Ora, os dois projetos vieram da França, ambos no início do século passado. Corre a suspeita, bem provável, de que os arquitetos franceses se confundiram e trocaram os endereços dos projetos...

MFC

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

Tome nota - novos endereços:

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Assinaturas e Expedição de Fato e Razão - Atendimento s assinantes, assinaturas novas e renovações, números anteriores:

Distribuidora Fato e Razão

Lucia Helena Alcoforado e Inez Soares
R. Visconde do Rio Branco, 633 sala 1002
24020-005 Niterói - RJ

Tel/Fax (21) 2717-4878 - E-mail: texere@uol.com.br

Instalação de Postos de Vendas de Publicações do MFC nas Cidades - Atendimento a Revendedores

Agência MFC de Promoção de Vendas

Sede MFC - Rua Goiás, 132
20756-120 Rio de Janeiro - RJ

l. (21) 2215-1401 - Fax 2224-2693 E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Colaborações, críticas e sugestões: Equipe de Redação de Fato e Razão

Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
Fax (21) 2224-2693 - E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Granbery

36010-520 Juiz de Fora - MG

Tel. (32) 3214-2952 - E-mail: nulysses@artnet.com.br

Conheça as publicações do **MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO**

PARA A PREPARAÇÃO AO CASAMENTO

"Amor e Casamento"

UM LIVRO ÚTIL PARA PRESENTEAR OS QUE VÃO SE CASAR.
LINGUAGEM SIMPLES, ILUSTRAÇÕES E ORIENTAÇÕES PARA O CASAL

"O Assunto é Casamento"

O MELHOR MANUAL PARA OS AGENTES DA PREPARAÇÃO AO CASAMENTO. TEMA DE INTERESSE E AMPLA ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA E DIDÁTICA

TEMÁRIOS PARA REUNIÕES DE GRUPOS

"Ponto de Partida"

PARA GRUPOS DE CASAIS OU FAMÍLIAS, ABORDANDO QUESTÕES SOBRE
COMPORTAMENTOS E ATITUDES CONSTRUTIVAS OU GERADORAS DE PROBLEMA
NA VIDA CONJUGAL E FAMILIAR

"Um Passo Adiante"

TEMÁRIO MAIS AVANÇADO SOBRE RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS,
COMPROMISSO CRISTÃO NO MUNDO E INICIAÇÃO À REFLEXÃO TEOLÓGICA EM
LINGUAGEM SIMPLES

"Pés na Terra"

REFLEXÕES MAIS ELABORADAS PARA GRUPOS COMPROMETIDOS COM O SERVIÇO
ÀS FAMÍLIAS

PEDIDOS AO MFC DA SUA CIDADE OU À LIVRARIA DO MFC